UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO- ICHI

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

JANAINA CAROBIN MARIN

HÁBITOS DE LEITURA DE IDOSOS DE VERANÓPOLIS – RS: ESTUDO SOBRE MEMÓRIAS

Rio Grande

2014

JANAINA CAROBIN MARIN

HÁBITOS DE LEITURA DE IDOSOS DE VERANÓPOLIS – RS: ESTUDO SOBRE MEMÓRIAS

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Braz Gonçalves

Rio Grande

2014

JANAINA CAROBIN MARIN

HÁBITOS DE LEITURA DE IDOSOS DE VERANÓPOLIS – RS: ESTUDO SOBRE MEMÓRIAS

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Braz Gonçalves

_____, _____ de _____ de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Renata Braz Gonçalves

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Profa. Msc. Maria de Fátima Santos Maia

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Claudio Renato Moraes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

AGRADECIMENTO

Agradeço aos Senhores Lídio Lusa e Fabiano Sbikosky, e as Senhoras Nair Helena Breitenbach Farina, Albina Mazzarollo Spasin, Regina Rosa Biasotto Tedesco, Lídia Lusa, Inês Lazzarotto Tomasi e Sibila Silveira Sbikosky pela simpatia e hospitalidade com que me receberam em suas casas. Agradeço também, por terem confiado a mim suas preciosas memórias, a fim de que esta pesquisa pudesse ser concluída.

É necessário manter vivo o interesse por tudo o que passou e que se constitui o patrimônio inalienável do seu país ou sua cidade. Pobre do povo que negligencia este particular, porque povo sem passado é um povo que não existe. (ABRUZZI, Agenor, 1998, p.20)

RESUMO

A referente pesquisa possui como tema principal as memórias de leitura de cidadãos idosos residentes na cidade de Veranópolis, no Rio Grande do Sul. Os sujeitos de pesquisa são homens e mulheres com idade entre 62 e 85 anos que relataram através de entrevistas realizadas durante o ano de 2013, nas quais são evidenciadas suas experiências de leitura, incluindo leitura oralizada e do impresso. Foi utilizado o método da história oral como técnica de pesquisa, e ao decorrer do trabalho, são expostos os locais de leitura, dando ênfase no ambiente escolar, assim como os tipos de impressos mais manuseados pelos entrevistados, como o livro didático. Também são mencionados os mediadores da leitura que consistiam em sua maioria, em membros da família e variadas histórias e personagens das leituras orais, sempre associados com a cultura do imigrante. A pesquisa relaciona costumes e hábitos da imigração italiana, alemã e polonesa com os dados fornecidos pelos entrevistados e conclui que todos os entrevistados exercitaram a leitura com os recursos disponíveis e obtiveram contato variado com a mesma.

Palavras-chave: Biblioteconomia. História da leitura. Memória. Veranópolis.

ABSTRACT

The related research has as main theme memories reading of senior citizens living in the city Veranopolis in Rio Grande do Sul. The subjects are men and women aged 62 to 85 years who reported through interviews conducted during the year 2013, which are evidenced in their reading experiences, including oral language and reading printed. The method of oral history as a research technique, and was used throughout the work, are exposed sites of reading, emphasizing the school environment, as well as the type of forms handled by most respondents as the textbook. Also mentioned are the mediators of reading that consisted mostly of family members and various stories and characters of the oral readings, always associated with the culture of the immigrant. The research relates customs and habits of Italian, German and Polish with the data provided by respondents immigration and concludes that all respondents exercised reading with available resources and obtained varied contact with it .

Keywords: Librarianship . History of reading . Memory. Veranópolis.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Sra. Albina durante o encerramento do ano escolar 32

Fotografia 2 – Apresentação teatral como método de leitura 33

Fotografia 3 – Livro escolar: estudos gerais e naturais 36

Fotografia 4 – Utilização do livro pelo filho 37

Fotografia 5 – Cálculos da Sra. Lídia 38

Fotografia 6 – Sra. Inês em fotografia oficial das estudantes do curso Normal da Escola Regina Coeli 41

Fotografia 7 – Sra. Nair Helena, formanda da primeira turma do curso Normal da Escola Regina Coeli 42

Fotografia 8 – Livro História Sagrada do Antigo e Novo Testamento 47

Fotografia 9 – A Bíblia em polonês 58

Fotografia 10 – Exemplar polonês 59

Fotografia 11 – Marcador de página 59

Fotografia 12 – Mãe do Sr. Fabiano 60

Fotografia 13 – Livro de cantos e orações 60

Fotografia 14 – Detalhe da capa 61

Fotografia 15 – Cartilha em polonês 62

Fotografia 16 – Aprendizagem com a cartilha 62

Fotografia 17 – Páginas da cartilha 63

Fotografia 18 – Livros da biblioteca da Sra. Inês 66

Fotografia 19 – Os capangas do coronel, livro de Danilo Lazzarotto 67

Fotografia 20 – Livro Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, de Frei Rovílio Costa 68

Fotografia 21 – Biblioteca pertencente ao marido da Sra. Nair Helena 69

Fotografia 22 – Livro antigo da Sra. Regina 70

Fotografia 23 – Livros da Sra. Lídia 71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
2 REVISÃO DE LITERATURA 13
2.1 História da leitura: algumas considerações 13
2.2 Comunidades de leitores 15
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 18
3.1 Definindo a memória como fonte de pesquisa 18
3.2 Caracterização geral da pesquisa 20
3.3 História oral 21
3.4 Estado da arte: alguns aspectos abordados sobre história da leitura 23
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES 26
4.1 Aspectos gerais sobre Veranópolis: formação, imigração e cultura. 26
4.2 Leitura, escola e sociedade: algumas características 28
4.2.1 Escola: primeiros passos 30
4.2.2 A escola e a mediação da leitura: aprendendo a ler 35
4.2.3 Escola Regina Coeli: referência em educação na região 38
4.3 A leitura em casa: diferentes formas de apropriação 43
4.3.1 A leitura do escrito e suas dificuldades de obtenção 43
4.3.1.1 A cultura do escrito da religião Católica 47
4.3.2 A leitura oral na região de imigração italiana 50
4.3.2.1 A cultura de oralidade do filó 54
4.4 O indivíduo mediador da leitura 56
4.5 Italiano, Polonês e Alemão: relações entre sociedade e língua 64
4.6 A leitura hoje 66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 74
REFERÊNCIAS 78
ANEXO A – História sobre Jesus, contada pelas palavras do Sr. Lídio. 81

INTRODUÇÃO

Existem inúmeros aspectos que contribuíram para o desenvolvimento da sociedade e, sem dúvida, a leitura é um deles. Observando que a leitura caminha lado a lado com a escrita, e em consequência, com a evolução das sociedades, a leitura se adaptou a variadas culturas e tecnologias existentes em diversas partes do mundo. Hoje, ao estudarmos a história da leitura, percebemos que por muito tempo ela foi símbolo de poder e riqueza, foi censurada por motivos políticos e quase extinta aos olhos da parcela pobre do mundo, porém, a prática da leitura persistiu e derrubou estes e muitos outros obstáculos impostos, estando assim, presente na formação educacional e cultural dos indivíduos.

Percebe-se que a leitura absorve diversas formas. Dependendo do contexto em que é desenvolvida, a prática da leitura se transforma em virtude de fatores econômicos, políticos, geográficos e culturais que se apresentam. Desta forma, é possível verificar as particularidades que estes fatores impõem sobre a leitura, ou seja, o modo de ler, o que ler, onde ler e quando ler. Partindo deste pressuposto, procurei observar as práticas de leitura na cidade de Veranópolis, localizada na serra do Rio Grande do Sul e conhecida mundialmente como a Terra da Longevidade, lar de uma população idosa significativa e extremamente ativa. Colonizada por imigrantes italianos, a região possui fatores culturais que diferenciam as experiências vividas, apresentando particularidades também na área de leitura.

São inúmeras as fontes que possibilitam conhecer a história da leitura e a memória é uma delas. Nas memórias dos sujeitos estão gravadas vivências que representam costumes socioculturais e demais fatores que diferenciam a experiência da leitura. A escolha por essa temática e contexto tem origem na vontade de conhecer a história da cidade onde nasci. Meu interesse por conhecer as vivências de indivíduos mais velhos iniciou durante a minha infância e durante a atividade de ouvir as lembranças da minha avó ou de meus tios. Desta forma, ao ingressar na universidade e cursar a disciplina de História da Leitura, percebi que pouco conhecia sobre este hábito no contexto dos idosos da minha cidade natal, e que abordar esse tema contribuiria para a historiografia da cidade.

A importância dos estudos sobre a memória social do indivíduo idoso se revela, quando passamos a conhecer uma sociedade distinta do grupo social em que vivemos (BOSI, 1994, p. 82). Sendo assim, é possível afirmar que a lembrança do indivíduo idoso é um tesouro considerável, que deve ser preservada, a fim de reconstruir e nos fazer conhecer aspectos de épocas que não vivemos.

Assim, a presente investigação apresenta como questão de pesquisa:

Quais são os hábitos de leitura relembrados pela população idosa de Veranópolis durante sua juventude, vida adulta e velhice? Para responder essa questão, foi proposto o seguinte objetivo geral: Conhecer e registrar as memórias das práticas de leitura da população idosa de Veranópolis – RS, através da história oral. Além disso, os seguintes objetivos específicos foram propostos, a fim de conduzir a pesquisa:

Conhecer os hábitos de leitura da população idosa de Veranópolis – RS; Averiguar os espaços de leitura presentes na memória dos idosos investigados; Investigar as condições da realização da leitura, relacionando aspectos familiares, geográficos, econômicos e culturais.

Destacando o conteúdo da pesquisa, a história da leitura proporciona compreendermos os diversos modos de ler, assim como os ambientes e motivações em que a mesma se fazia presente. Com a história da leitura, conhecemos o “como”, o “quê”, o “porquê”, o “quem” e o “onde” a leitura se inseria. Observando os séculos que separam a invenção da leitura e da escrita, até os dias atuais, diversas mudanças ocorreram em âmbito tecnológico, geográfico e histórico. Desta forma, a história da leitura nos faz compreender não apenas o hábito em si, mas também fatores sociais, econômicos, políticos, entre outros, que levaram o livro, a literatura e o leitor a serem o que conhecemos nos dias de hoje.

A memória social do idoso torna-se de extrema relevância para o entendimento da coletividade e de épocas passadas no que se refere à história da leitura, porém é perceptível que nem sempre lhe é dedicado seu justo valor, favorecendo muitas vezes a uma memória histórica que não possui os detalhes e sentimentos de vivências sofridas e experiências de muitos anos. Apesar de diversos documentos que registram a leitura, como livros e jornais serem fontes de pesquisa relevantes, a memória é um meio que pode ser utilizado para que a

experiência da leitura, juntamente com os sentimentos vivenciados pelo sujeito, nos seja relatado, expressando a singularidade do indivíduo que a viveu.

Os estudos sobre hábitos de leitura têm ocupado lugar de destaque na área de biblioteconomia, podendo servir como estratégia eficiente para conhecer aspectos da sociedade da época, ressaltando a cultura, costumes, tradições, códigos morais, restrições, entre outros fatores impostos pela mesma. Além disso, não foram identificados outros trabalhos com a mesma abordagem na cidade em questão, sendo assim, também é possível destacar a importância da pesquisa para compreender um pouco mais sobre as vivências dos habitantes de Veranópolis.

O presente trabalho está dividido em cinco partes, iniciando pela introdução. A segunda parte se caracteriza pela revisão de literatura realizada a fim de lançar base à pesquisa, ressaltando diversos fatos acerca da formação da leitura tanto em voz alta, quanto silenciosa. Durante a revisão de literatura, também foram abordados os tópicos referentes à formação de comunidades de leitores.

O terceiro capítulo abrange a metodologia utilizada, além das delimitações da pesquisa, caracterizando a memória de entrevistados idosos como fonte para realização da mesma. Neste capítulo, a história oral também é abordada como principal método utilizado, assim como são apresentados os autores utilizados no decorrer da pesquisa.

Abrangendo os resultados e discussões dos dados coletados, o quarto capítulo aborda a colonização da região e da cidade a que este estudo analisa, para posteriormente discorrer sobre as práticas de leitura na região, explanados pelos senhores e senhoras entrevistados. O capítulo também menciona a iniciação da leitura pelos entrevistados, a leitura em idade escolar, a leitura do escrito, assim como a leitura realizada pela forma oral, além da inserção da leitura no ambiente familiar e religioso e da atividade de ler nos dias atuais. Tópicos alusivos aos principais mediadores da leitura, além da relação entre leitura, sociedade e língua também estão presentes no referente capítulo. Fatores sociais e culturais que fazem menção ao imigrante italiano, alemão e polonês são explorados por toda a extensão do quarto item desta pesquisa.

O quinto capítulo, por sua vez, resume as considerações finais obtidas pela pesquisa, assim como as últimas reflexões acerca das palavras dos entrevistados. Inicia-se no próximo item, a revisão de literatura proposta para a referente pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Introduzindo e iniciando a presente pesquisa, o capítulo que aborda a revisão de literatura abrange modalidades de leitura silenciosa e oralizada, assim como sua difusão perante a sociedade. Também inclui uma explanação sobre as comunidades de leitores, demonstrando que a leitura também era realizada e dependente de uma sociedade, atentando para suas regras de convivência.

2.1 História da leitura: algumas considerações

Em todos os períodos da história do homem, a leitura esteve presente na vida dos cidadãos, sendo influenciada pela tecnologia, a condição social, econômica e cultural lhes permitissem. Criadas nos territórios da Babilônia a partir da necessidade do homem de registrar seus rebanhos, fatos do dia a dia e transações comerciais (MANGEL, 2006, p. 206), a escrita e a leitura tornaram-se primordiais para a evolução da sociedade.

Diversos tipos de leitura foram surgindo, muitas vezes, deixando de serem ligadas ao suporte textual. Primeiramente a leitura oralizada, era realizada em voz alta, a fim de que a população não letrada também pudesse compartilhar da prática.

> A leitura oralizada consistia em uma prática de vida em sociedade, em tornar público o escrito uma vez que poucas eram as pessoas que sabiam ler. Era também necessária para tornar compreensível ao leitor o escrito, pois a antiga escrita não separava as palavras, não distinguia as letras maiúsculas e minúsculas, nem usava pontuação. (RIBEIRO, 2008, p.35)

Na Idade Média, a leitura silenciosa ganhou espaço em igrejas e mosteiros, tornando-se amplamente praticada até os dias de hoje. Segundo Cavallo e Chartier, na época, acreditava-se que os livros deveriam ser lidos para conhecer Deus e obter

a salvação da alma, devendo assim ler em mutismo para melhor compreendê-los (CAVALLO; CHARTIER, 2002, p.21).

Percebe-se que apesar dos dois tipos de leitura relatados predominarem durante suas épocas referidas, não significa que um tenha anulado o outro. Ambos coexistiram até a atualidade, onde são empregados em salas de aulas, discursos públicos, igrejas e lares em geral.

Considerando a ampla execução das duas modalidades de leitura citadas, observa-se que do mesmo modo que a leitura oral e a silenciosa se popularizaram, o ato de escutar um único leitor também se tornou necessário. Observando o fato de que a grande parcela de livros estava em poder da alta sociedade, além dos baixos índices de alfabetização da população e um método de reprodução de livros ineficiente, esta nova modalidade de leitura, caracterizada pelo ato de ler para um grande grupo, uma estratégia que possibilitou que um grande número de indivíduos escutasse um único leitor.

Famílias ricas ou humildes também se beneficiaram desta prática de leitura, lendo com intento de instrução ou lazer, esta nova experiência proporcionava momentos divertidos em família ou com um grupo de amigos. A educação também se mostrou em conjunto com este hábito, já que, pais poderiam ler para seus filhos, participando de sua educação com este tipo de leitura informal. Tornando-se comum no século XVII, esta prática atravessou os séculos sendo representada pelos Saraus na sociedade brasileira. Estas reuniões literárias eram uma forma de diversão que aconteciam não apenas nas residências, mas também em bares e praças, levando assim a leitura para uma população mais significativa que não possuía meios ou instrução para ler por conta própria.

Em todo o Brasil, durante os séculos XIX e XX, por exemplo, ser um ouvinte era considerado uma forma de lazer. Grandes Saraus eram organizados pelas famílias, e em localidades interioranas, ainda em desenvolvimento nesta época, em que havia pouco acesso à leitura, esta variante da leitura tentava suprir as necessidades de lazer e informação.

Na cidade de Veranópolis, por exemplo, a forte influência italiana renomeou os Saraus, que ficaram conhecidos como filós. Considerando que uma região interiorana durante os séculos XIX e XX com colonização recente, possui

dificuldades consideráveis em relação aos aspectos de leitura, educação e lazer, os filós foram criados para preencher estas características ausentes. Com a falta de material de leitura, as histórias da cultura do próprio povo tornavam-se aparato para este tipo de leitura. Narrativas antigas, contos e historietas eram relatados e muito provavelmente modificados ao serem recontados. Analisando as mudanças seculares referentes a quem lê, como lê e onde lê, nota-se que todas elas contribuíram para as práticas de leitura atuais. Quanto aos suportes de leitura, por exemplo, o *códex* representa uma estrutura simples que facilita a leitura em diversos ambientes e ainda faculta uma maior comodidade aos estudantes que utilizam livros didáticos que o rolo escrito não poderia proporcionar.

As leituras em voz alta, assim como o ato de ouvir, auxiliam no aprendizado da habilidade de ler e escrever, sendo amplamente utilizada em âmbito escolar. Além disso, a leitura oralizada continua sendo praticada em discursos públicos, tal como foi difundida séculos antes. Por sua vez, a leitura silenciosa nos permite uma maior concentração. Sem ela, não poderíamos nos retirar para com a nossa imaginação de leitores, realizando reflexões na privacidade de nossos devaneios.

Hoje a leitura é uma atividade democrática. Pode ser realizada em qualquer lugar, por qualquer indivíduo que dela deseja fazer parte. Somos todos leitores, e lemos a nossa própria maneira, de acordo com nossas próprias limitações. Lemos um jornal, um livro, uma placa na rua, uma imagem, lemos pelas palavras de outras pessoas. Atualmente, apesar dos avanços educacionais, econômicos e tecnológicos, percebe-se que os antigos métodos de leitura continuam vigorando, auxiliando nossa formação educacional e alcançando indivíduos que necessitam de informação, mas que muitas vezes não possuem meios ou habilidades para encontrarem pela palavra escrita. Portanto, verifica-se que a leitura, por sua vez, encontra nichos e se modifica para participar da vida do indivíduo, seja ela por saraus, filós, discurso falado, áudio-books, livros tradicionais, entre outros.

2.2 Comunidades de leitores

Sabendo que cada região possui hábitos sociais e culturais diferenciados, é importante destacar que a prática da leitura se torna distinta, pois reflete os hábitos

gerais da sociedade em questão. Diferenças como alfabetização e habilidade de leitura, sexo, adesões religiosas e até heranças culturais familiares interferem no modo como o indivíduo lê, criando assim as comunidades de leitores. É perceptível que ao estudarmos a história da leitura, compreendemos que estes grupos e comunidades de leitores são visíveis aos nossos olhos. Heranças culturais e familiares transmitem características que são compartilhadas entre seus membros, conduzindo a um jeito único de ler, partilhado por indivíduos que participam da mesma herança. Neste contexto, observam-se os filós, práticas comuns em regiões de imigração italiana, como a cidade de Veranópolis. Para Galeazzi (1998, p. 132)

> Os homens, geralmente sentavam próximos ao fogão. Ficavam lá conversando ou tomando vinho, às vezes lendo o jornal *Staffetta Riograndense* que pegavam ao domingo, com o padre. Agoureiros contavam histórias que aterrorizavam inocentes crianças.

Deste modo, para CHARTIER (1999, p. 14) a leitura “é limitada pelos códigos e convenções que reagem às práticas de uma comunidade de dependência”. Portanto, observa-se que a leitura neste contexto limita-se pelo código sociocultural e moral da comunidade, além de ser praticada no âmbito que seus iguais aceitem. Sendo assim, pode-se afirmar que diversos temas de leitura acabam excluídos, por serem considerados inapropriados. O gênero feminino foi alvo da diferenciação da leitura por diversos anos. Considerada intelectualmente inferior, a mulher era desencorajada a estudar e realizar leituras instrutivas ou até mesmo prazerosas, já que,

> Estava assentado que o saber ler para elas não deveria ir além do livro de rezas, pois que isso lhes seria inútil, nem tão pouco se desejava que escrevessem a fim de que não fizessem como sabiamente se observava, um mau uso dessa arte. (LUCCOCK, 1973 *apud* LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.241).

Além disso, o contexto geográfico também provocou diferenças nas formas de leitura da população. Momentos históricos diferentes pelos quais os países passaram, modificaram o tipo de leitura e o modo de ler. Para Cavallo e Chartier, (2002, p. 25) em países como a Itália, Espanha, Portugal e França, ou seja, países de religião tradicionalmente católica, os leitores enfrentaram a censura eclesiástica perante obras de cunho, principalmente científico, além disso, na Inglaterra, a revolução industrial permitiu a criação de novos métodos para editar livros impressos. Hoje, ainda é possível visualizar diferenciações nas práticas de leitura de

diversos países, em sua maioria, relacionados a aspectos ligados a religião, política e economia.

Observar as comunidades leitoras é uma forma de compreender como o suporte do texto afeta a leitura, como os fatores socioculturais contribuem, ou não, para a leitura de determinado tema, além de conhecer as semelhanças e diferenças de comunidades, relacionando-as entre si. Todos nós, de uma forma ou de outra estamos ligados a uma comunidade de leitores, lemos o que nos dá prazer ou o que necessitamos, e estes hábitos de leitura estão relacionados aos nossos gostos e ao ambiente no qual nos inserimos.

Desta forma, compreender e estudar as comunidades leitoras possui significativa relevância para o estudo da prática de leitura, seja nos dias atuais ou nos séculos passados, pois por meio desta, podemos compreender o funcionamento de sociedades e culturas.

Durante esta pesquisa, foram identificadas algumas comunidades de leitores relacionadas principalmente com a instituição escolar, de onde provinha a maior parte do escrito para os entrevistados e entrevistadas. A preferência pela temática italiana também dominava tanto em leituras escritas, quanto orais, valorizando o conhecimento de histórias de seus antepassados. Portanto, observamos essas comunidades de leitores de acordo com as práticas de leitura que se assemelham, podendo assim, caracterizar uma sociedade próxima, como a proveniente da imigração italiana na região.

Apresenta-se a seguir a caracterização da pesquisa, observando os aspectos para que a mesma se desenvolva, além dos procedimentos metodológicos que conduziram e orientaram o estudo e os autores utilizados para fundamentar a pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Definindo a memória como fonte de pesquisa

Durante nossa vida guardamos inúmeros fatos ocorridos conosco em nossa memória. Para Lezak (2004 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 30) “a memória é uma habilidade capaz de registrar, armazenar e evocar informações. A memória é basicamente a conexão do passado com o presente”. Pode-se considerar que a memória e a aprendizagem se relacionam, pois a partir das informações retidas em nossa memória, podemos analisar os fatos com mais cuidado, resultando em aprendizagem. Nossa memória guarda nossas experiências e as transforma em vivências, que por sua vez, refletem o aprendizado em cada acontecimento.

Lembranças se formam a partir de interações familiares, amizades conquistadas, realizações alcançadas, não apenas nossas, mas de todas as pessoas que nos rodeiam. Cada um possui grupos de convivência que moldam as lembranças e memórias adquiridas durante a vida. Essa memória coletiva pode ser passada por gerações de nosso meio e nos auxiliam na moldagem do caráter e consciência. Construímos a memória a partir de nosso nascimento, e, ao serem apresentados estes grupos de convivência, onde se destacam a família além de instituições escolares, religiosas e culturais, nossa memória é moldada a partir dessas relações de troca.

Apesar das memórias se desenvolverem através do contato com grupos de convivência, cada indivíduo possui uma memória única e pessoal dos acontecimentos vividos pelo grupo. Nenhum integrante do grupo pensará exatamente da mesma maneira, com as mesmas particularidades. Cada fato vivenciado poderá ser de mais ou menos relevância para cada membro. Uma família pode ter a mesma recordação de um momento agradável, mas cada um lembrará de alguns detalhes que lhes foram mais significativos. Existe também o fator afetivo que desencadeia a retenção da memória. Um indivíduo lembrará com mais detalhes as palavras ou um acontecimento que uma pessoa amada vivenciou. (BOSI, 1994, p. 414)

A cultura em que estamos inseridos nos dá base para nossas memórias. São tradições sociais construídas ao logo da história que nos apresenta atividades, valores e modos de vida, auxiliando-nos a construir nossa identidade. Para Vetter (2005, p. 34) “quando recorremos à memória, temos uma representação do passado, da tradição, da história do nosso povo.”.

Se hoje olharmos para o nosso passado, vamos relembrar nossos momentos mais significativos, agradáveis ou não. Além disso, podemos não evocar a lembrança apenas por sentimento expressivo nosso, mas talvez porque foi uma vivência importante para algum parente ou amigo muito próximo. A partir destes episódios, a memória é construída e ao ser trazida à tona, ela se modifica pelo fato de termos uma maior bagagem vivenciada em relação ao momento em que este fato foi vivido. Sendo assim, ao refletirmos sobre uma situação ocorrida na infância, por exemplo, percebemos que esta memória não é mais a mesma, pois nossos valores e percepções também não são os mesmos.

Ao adquirirmos mais vivências, valores e percepções, acabamos por analisar melhor nossas próprias lembranças, muitas vezes, percebendo um fato que na época nos foi de suma importância, hoje, talvez não se apresente na mesma categoria significativa. Sendo assim, ao relembrarmos, também redescobrimos alguns tópicos que no momento podem ter sido abandonados pelas nossas percepções. Ecléa Bosi (1994, p. 57) compara as nossas memórias com o ato de reler um livro muito apreciado em nossa juventude. Provavelmente, este mesmo livro relido na fase adulta apresentará parágrafos que passaram a nos emocionar, devido a bagagem cultural adquirida que proporciona novos significados para ele. Da mesma forma, personagens e palavras que em nossa mocidade nos impressionaram, com o passar do tempo não se destacam, ou ficam em outro plano.

Somos seres em constante mutação, mudamos pensamentos e focos de atenção com o passar dos anos. Na presença de um fenômeno natural como uma tempestade, muito provavelmente a memória de uma criança relembrará dos raios, trovões, relâmpagos e da força do vento. Um adulto se deterá nas ações e reações dos indivíduos durante a tempestade. Por estes motivos, é impossível recordar a memória do mesmo modo, com os mesmos sentimentos que ela foi vivenciada.

Em relação aos grupos de convivência, nossos avós ocupam um espaço especial para nossa formação social. As gerações mais velhas transmitem para as crianças e os jovens as memórias já vividas, sobre fatos diversos. Segundo Bosi (1994, p.73), sem esta relação entre crianças e velhos, não haveriam a memórias em toda a sua essência, apenas dados que remetem ao passado.

Ao exercitarmos o contato com nossos avós ou pessoas queridas de idade avançada através da memória, desenvolvemos o conhecimento da cultura e dos costumes dos antigos, aos poucos alguns hábitos acabam por moldar o nosso caráter e educação, transferindo assim a cultura de velho para jovem. Esse conhecimento, aos poucos, se incorpora aos nossos hábitos. Através deste contato, as histórias e tradições são revividas.

Nossos gostos particulares também acabam sendo influenciados pela memória dos antigos, estes que através da lembrança nos apresentam em nossa infância um belo carro, um biscoito gostoso, um livro interessante, um sonho a ser seguido. As histórias de vida dos nossos avós, por exemplo, são ricas em vivências e formam nossa índole de acordo com antigos preceitos de honestidade e dignidade, auxiliando-nos a diferenciar o certo do errado.

3.2 Caracterização geral da pesquisa

Ao refletir sobre os objetivos propostos para a pesquisa, a técnica que demonstrou ser mais adequada ao propósito desta pesquisa foi a história oral, onde se buscou realizar entrevistas, conforme roteiro estabelecido no Apêndice A. Além disso, a pesquisa possuiu temporalidade transversal, uma vez que foi realizada em curto espaço de tempo (APPOLINÁRIO, 2006, p.66). Ao estabelecer como objetivo geral “Registrar as memórias de leitura da população idosa de Veranópolis - RS”, foi escolhido um instrumento de coleta de dados que possibilitasse uma maior interação entre sujeito e pesquisador, permitindo a compreensão das particularidades e vivências do entrevistado (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 180). Além disso, a abordagem qualitativa foi escolhida, pois é aquele que possui uma maior flexibilidade na interpretação dos dados obtidos com a pesquisa. Para Oliveira

(2011, p. 53) “Uma das principais características fundamentais do método qualitativo é o enfoque no caráter singular e subjetivo do objeto de estudo”.

3.3 História oral

Em relação à técnica de coleta de dados escolhida e o tema determinado para a pesquisa, a história oral demonstrou ser uma técnica de pesquisa adequada já que é um

> Espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. (...) Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (LOZANO, 2005, p.16)

A história oral permite por meio de depoimentos orais dos entrevistados, o entendimento e conhecimento de diversos grupos sociais e seus acontecimentos, além de estabelecer uma relação de profundidade entre entrevistado e pesquisador. Observando a história oral como técnica de pesquisa, percebemos que o fator que diferencia a utilização da memória do restante das fontes informacionais é que ela nos conta significados e não apenas fatos (PORTELLI, 1997, p.31).

A história oral é o meio com que o indivíduo compartilha a sua trajetória de vida, esta que, muitas vezes não pode ser contada e esclarecida de outra forma. É um método que nos possibilita conhecer aspectos singulares de fatos históricos, pois é contado a partir do ponto de vista do sujeito com toda a sua subjetividade.

Por meio da história oral, podem-se escutar depoimentos de analfabetos, rebeldes, idosos, mulheres, trabalhadores, entre diversas outras variedades de indivíduos cuja vivência pessoal passa despercebida aos olhos da história. Ao observarmos nossa família, ou a cidade em que vivemos, por exemplo, percebemos quanta bagagem vivenciada os familiares ou cidadãos possuem, quantos olhares diferentes sobre o mesmo acontecimento, ou participações em fatos que para a família ou cidade, foram importantes. A história oral nos dá a oportunidade de conhecer essas experiências.

Tendo em vista as diversas facetas e técnicas da história oral, observa-se, segundo Lozano (2005, p. 23) o estilo do analista completo. Esta vertente técnica não constitui a história oral como ilustração ou apoio para a confirmação de fatos, mas como complemento para a fonte tradicional histórica, sendo considerada a mais adequada para este projeto de pesquisa, uma vez que as fontes tradicionais complementarão as declarações orais no âmbito regional em questão, auxiliando o entendimento dos fatos.

Com relação aos sujeitos de pesquisa, percebe-se que o idoso faz parte do grupo social cujas lembranças são mais relevantes, devido às suas vivências. As lembranças relacionadas à leitura nas faixas etárias do indivíduo revelam fatores sociais e culturais presentes, justificando assim a escolha da utilização dos mesmos. Além disso, a cidade em questão possui o título de "Capital Brasileira da Longevidade", além de, segundo a Prefeitura Municipal, ser a terceira maior cidade do mundo com longevidade média em sua população. [1]

Sendo Veranópolis uma cidade que se destaca no que se refere à longevidade, e também minha cidade de origem, a escolha do sujeito de pesquisa relacionado com a técnica da história oral se deu pelo fato de que "o historiador oral (...) está em busca do seu passado e ao mesmo tempo de sua identidade." (LOZANO, 2005, p.24).

Para que a pesquisa represente os sentimentos e vivências dos entrevistados, o *corpus* da mesma foi formado pelas transcrições das entrevistas, assim como sua análise. Os trechos transcritos das entrevistas foram agrupados por assunto, as categorias de análise foram divididas em período de vida, ou seja, infância, juventude, vida adulta e velhice. Além disso, espaços de leitura, materiais e experiências também foram analisados em subcategorias, auxiliando assim na identificação de especificidades.

Não foi especificada inicialmente a quantidade de entrevistas que seriam realizadas uma vez que, "permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada". (BAUER; GASKELL, 2002, p.70-71). Desta forma, ao

---

[1] Prefeitura Municipal de Veranópolis. Página. http://www.veranopolis.rs.gov.br/

final da coleta foram realizadas seis entrevistas com oito pessoas, atentando para o fato que dois casais foram entrevistados em conjunto. Os senhores e senhoras entrevistados foram: Sra. Regina Rosa Biasotto Tedesco, 69 anos; Sr. Lídio e Sra. Lídia Lusa, ambos com 81 anos; Sra. Nair Helena Breitenbach, de 75 anos; Sra. Inês Lazzarotto Tomasi, 72 anos; Sr. Fabiano Sbikosky e Sra. Sibila Silveira Sbikosky, ambos com 62 anos e Sra. Albina Mazzarollo Spasin, de 85 anos. Os entrevistados, foram escolhidos de modo aleatório numa amostragem por conveniência. Alguns já eram antigos conhecidos meus ou de minha família, apesar disso, eu não tinha conhecimento das vivências dos entrevistados. A Sra. Regina, usuária da Biblioteca Pública Mansueto Bernardi, local em que a conheci e fiz o convite, concedeu-me a entrevista no mesmo ambiente. O Sr. Lídio e a Sra. Lídia, assim como a Sra. Inês residem próximo a minha família, o que facilitou o contato. A Sra. Albina e a Sra. Nair Helena são avós de amigas de longa data, além de, principalmente a Sra. Nair Helena, ser uma figura ativa no que se refere à religiosidade na comunidade, sendo conhecida por grande parte da população. O Sr. Fabiano e a Sra. Sibila, são clientes do estabelecimento comercial de minha família.

As entrevistas tiveram uma média de duas horas, uma vez que os objetivos propostos para a pesquisa tinham relação com a vida do indivíduo e suas experiências individuais, a proposta de entrevista individual se torna mais eficaz. (BAUER; GASKELL, 2002, p.78)

A seguir, apresentam-se os autores que deram suporte técnico para a pesquisa.

3.4 Estado da arte: alguns aspectos abordados sobre história da leitura

Observando a quantidade de séculos que nos separam da invenção da escrita e consequentemente da realização das primeiras leituras, além de seu aprimoramento no que se refere a suportes e formas de ler, as pesquisas com foco nesta área apenas tiveram seu crescimento significativo durante o século XX (GUTIERREZ VALENCIA, 2009, p. 55). Este crescimento, por sua vez, se deu pelo fato de que a história da leitura possui particularidades que podem ser estudadas e

analisadas por diferentes óticas, diferenciando assim cada pesquisa. Além disso, a criação de cursos de pós-graduação seguindo esta linha de pesquisa contribuiu para o crescimento das pesquisas na área, contudo, no Brasil, a pós-graduação passa a se expandir a partir da década de 1960. Sendo assim, existem aspectos da história da leitura que são explorados seguindo preceitos e linhas de pesquisa das áreas de Sociologia, Antropologia, Literatura, Filosofia, entre outros, garantindo a multidisciplinaridade do estudo da leitura, e da análise das práticas e hábitos (GONÇALVES, 2010, p.16). Cada aspecto que envolve a leitura pode ser estudado, ou seja, quem lê, onde lê, como lê e porque lê. Estes aspectos, ao serem analisados, nos revelam práticas sociais, culturais, momentos históricos, entre outros pormenores recorrentes da época estudada. Pode-se destacar um grande número de textos escritos, com o objetivo de identificar e estudar as práticas da leitura e suas singularidades, já que esta possui estreitas ligações com a história social da humanidade.

Como afirma Gutierrez Valência (2009, p.55) as pesquisas na área da história da leitura em países americanos e europeus, analisam e descrevem os dados pesquisados de forma quantitativa e pouco analítica, buscando por meio destes aspectos metodológicos informar a complexidade da leitura em determinada época, com determinado povo. Porém, realizando consultas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as obras que se referem à história da leitura se apresentam de forma qualitativa, de forma analítica, com destaques em depoimentos e vivências acerca da leitura. O estudo da complexidade da leitura também está presente e é perceptível ao identificarmos que diversas obras presentes no Banco de Teses e Dissertações se referem a minorias, como mulheres ou idosos.

Além disso, no campo de pesquisas sobre a história da leitura ocidental, e do estudo das práticas de leitura ao longo dos anos, podemos destacar Roger Chartier, este, nos diz que “assim como as capacidades de leitura postas em funcionamento num dado momento por determinados leitores frente a determinados textos, as situações de leitura são historicamente variáveis.” (CHARTIER, 2001, p.233). Sendo assim, percebemos a relevância do estudo da história da leitura combinando diferentes fatores como época, objeto estudado, tipos textuais, entre outros, já que

estes elementos trazem novas perspectivas quanto às práticas de leitura. Roger Chartier e Guglielmo Cavallo (2002), no livro *História da leitura no mundo ocidental*, nos trazem um panorama da leitura durante os séculos, trazendo as suas modificações, além de aspectos e locais que a afetaram. Por sua vez, Alberto Manguel (2006), em *Uma história da leitura*, também nos apresenta um panorama sobre leitura, evidenciando desde a forma em que a mesma foi criada, até aspectos particulares no que se refere a esta prática. Manguel observa também as modificações de leitura durante os séculos, assim como a difusão das práticas entre as minorias. Em sua obra, podemos constatar diversas reflexões dos leitores em diferentes épocas, evidenciando a história da leitura como um aspecto que estuda o ato de ler em si.Seguindo esta tendência, Marisa Lajolo e Regina Zilbermann (2002), informam sobre as práticas de leitura no Brasil em *A formação da leitura no Brasil*, destacando pontos sobre a leitura e relacionando aspectos culturais e sociais da realidade brasileira.

Destacando as obras sobre práticas de leitura, aspectos que formam a sociedade, memória e a formação dos leitores entrevistados encontradas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, evidenciam-se as pesquisas de Ana Lúcia Gomes da Silva (2005), sob o título *Histórias de leitura na terceira idade: memórias individuais e coletivas*; de Luciana Santos de Oliveira (2011) em *TERCEIRA IDADE: uma proposta de estudo sobre o leitor e sua memória de leitura;* de Silvana Maria de Jesus Vetter (2005) em *Memórias de leitura de pessoas idosas*. Além disso, autoras como Lisiane Manke (2008), Ilmara Coutinho (2009), Mônica de Sousa Vieira Gurjão (2009), Ana Maria de Oliveira Galvão (2002) entre outras, destacam aspectos de cultura social relacionada à leitura. No que se refere à literatura sobre imigração italiana e seus costumes, é possível ressaltar Rovílio Costa (1984, 1986 e 1998), religioso e pesquisador natural de Veranópolis, que estudou, sobretudo a imigração italiana, alemã e polonesa na região, publicando e organizando vários livros sobre o assunto pela editora EST. Danilo Lazzarotto (1978), professor de Antropologia e irmão da entrevistada Inês Lazzarotto Tomasi, além de João Ladislau Wonsowski (1980), que se dedicou ao estudo da imigração polonesa. Os demais autores utilizados nesta área, como Hamerski (1998), Giron (1998) e Galeazzi (1998), foram

retirados de textos do livro *Raízes de Veranópolis,* organizado por Frei Rovílio Costa. A seguir, apresentam-se os resultados alcançados com a pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Aspectos gerais sobre Veranópolis: formação, imigração e cultura.

Localizada geograficamente nas terras centradas no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, Veranópolis foi inicialmente reduto de descanso dos tropeiros oriundos de Lagoa Vermelha, que firmavam comércio com centros populacionais já formados na província. Chamada de Roça Reúna pelos viajantes, a localidade demonstra sua característica de abrigo para descanso no próprio significado do seu nome, roça de “reunião”.

Segundo Barroso (1998, p.30) no ano de 1885, por ordem do governo imperial, as terras da Roça Reúna passaram a denominar Alfredo Chaves por ocasião da criação da colônia de mesmo nome. A partir deste ano, deu-se o estabelecimento de colonos imigrantes oriundos da região norte da Itália na localidade em questão.

Por diversas décadas, o Brasil recebeu imigrantes italianos a fim de suprimir a necessidade da mão de obra servil que se tornou fundamental devido a políticas abolicionistas. Porém, para Lazzarotto (1978, p.61), “a definitiva ocupação do sul só seria possível pela colonização” desta forma, no estado gaúcho, o ponto central causador da numerosa emigração da Itália, refletiu na necessidade brasileira de ocupar a mata fechada, crescente na região mais íngreme do estado, desabitada pela mesma circunstância. Por consequência à habitação italiana, seriam formadas estradas, roças, casas e igrejas, trazendo prosperidade para o lugarejo, com módico custo para o governo imperial.

Visando múltiplas vantagens no uso da mão de obra imigrante, o governo iniciou um processo de propaganda na Itália, - já que a propaganda brasileira na Alemanha havia sido proibida pelo regulamento Von Der Heidt, após a unificação da mesma, ressaltando a abundância de terras e oportunidades. Desta forma,

garantindo despesas com passagem, instrumentos iniciais de trabalho e o lote de terra vendido a crédito destinado a cada família, o governo garantia uma proposta interessante para famílias italianas com dificuldades financeiras. (LAZZAROTTO *apud* COSTA *et al,* 1986, p.12)

A carência de recursos em terras italianas associadas ao regime de propagandas por parte do governo brasileiro resultou na maciça emigração da Itália com destino ao Brasil, segundo Lazzarotto (*apud* COSTA *et al,* 1986, p.12) um milhão de imigrantes italianos se estabeleceram em terras brasileiras durante vinte e cinco anos.

A criação da Colônia de Alfredo Chaves foi relativamente tardia em comparação às colônias de Conde d'Eu e Princesa Dona Isabel, atualmente os municípios de Garibaldi e Bento Gonçalves, respectivamente. Este atraso deve-se ao fato de que o rio que serpenteia através das localidades acima citadas era de difícil travessia, portanto, as montanhas ao norte da colônia de Dona Isabel, mais íngremes e de complicada transposição, foram colonizadas cerca de dez anos após o restante da região. Carvalho (*apud* COSTA *et al*, 1986, p. 13) comenta que "infelizmente, no prolongamento das linhas de Conde d'Eu, não é mais possível estabelecer os imigrantes, e em Dona Isabel, não é possível senão além do Rio das Antas", onde hoje é a cidade de Veranópolis.

Ao chegar ao porto de São Paulo, os imigrantes eram direcionados a Porto Alegre, para em seguida, serem encaminhados para outro navio em direção a São João de Montenegro. Uma vez recebido o lote que lhes era reservado, iniciava-se a lenta locomoção pelos 118 quilômetros até o destino final. Segundo Carvalho (*apud* COSTA *et al*, 1986, p. 15)

> A estrada não era nada mais que um corredor no meio da floresta. Frequentemente os imigrantes andavam a pé todo esse percurso sem receber a menor porção alimentar da parte do governo e do transportador. O caminho chamava-se "Buarque de Macedo" e era assim descrito em 1885: "desastroso, a tal ponto que a passagem por este caminho é muito difícil e mesmo perigosa durante o inverno".

Chegados ao local de destino, iniciava-se o trabalho de limpeza do terreno e construção de moradias, para apenas posteriormente principiar o trabalho na lavoura, inicialmente uma roça de subsistência. Para Giron (1998, p. 57) "As

condições para o povoamento das colônias oficiais situadas no vale não poderiam ser mais desfavoráveis".

Apesar de a imigração italiana ser mais expressiva na região, colonos poloneses também fixaram residência na colônia Alfredo Chaves, vindos da Polônia ocupada pela Prússia ou pela Rússia que impunha uma política de germanização e russificação, respectivamente. Para Hamerski (1998, p.58) o polonês imigrou "em busca de liberdade para viver seus costumes, sua religião, sua poesia e para falar sua língua".

Chegados alguns anos após do estabelecimento dos italianos nas terras de Alfredo Chaves, foram domiciliados em terras mais distantes e mais íngremes, sendo assim, diversas famílias seguiram viagem em busca de localidades mais adequadas, portanto, a influência polonesa não se tornou tão influente na povoação.

Devido ao isolamento imposto pelas condições geográficas, os imigrantes italianos e poloneses acabaram por conservar a cultura de sua terra natal, preservando a linguagem, a alimentação típica, vestuário, administração familiar e principalmente a religião, fatores estes que refletem na rotina de seus descendentes.

Da mesma forma que o afastamento da localidade preservou a cultura, também impediu o avanço que o contato social proporciona ao indivíduo. Com parcos meios de lazer, abundante trabalho e carência de infraestrutura básica como escolas e hospitais, aspectos importantes como a educação formal, a oportunidade de crescimento profissional e pessoal se tornaram irrelevantes perante a sociedade em formação que ocupava as colônias serranas.

Portanto, questões como a escolarização das crianças e jovens permaneceram atrás do trabalho na transformação e cultivo da lavoura, cuidados com a casa e com a família, mantendo assim, a geração mais jovem com pouca ou nenhuma alfabetização.

.

4.2 Leitura, escola e sociedade: algumas características

Ao examinarmos os fatores contribuintes para a emigração e instalação das famílias no sul do Brasil, além dos anos posteriores à construção das primeiras

moradias e formação das primeiras lavouras, é possível notar que a educação formal não era prioridade para as famílias dos colonos.

Impedidos pela localização geográfica difícil de vencer na época, a família não possuía contato com grandes centros urbanos como Porto Alegre ou Caxias do Sul no que se refere ao lazer e educação. Os contatos ficavam restritos a vendas, realizadas mediante caminhadas a pé ou no lombo de uma mula, até os municípios ou colônias maiores. Portanto, a dificuldade de sair da colônia vinha ao encontro da dificuldade de entrar, tornando ausente a presença de professores nas colônias de Alfredo Chaves.

Para Carvalho (*apud* COSTA *et al*, 1986, p. 76) "os imigrantes de Alfredo Chaves não se preocupavam muito com a instrução dos filhos (...) a escola e o professor não são exigidos pelos colonos italianos". Para a época, devido ao abundante fluxo de trabalho, a educação formal perdia importância. Venerosi (*apud* COSTA *et al*, 1986, p. 76) comenta que

> Quando se pergunta aos colonos por qual razão eles não enviam seus filhos à escola, a resposta é sempre a mesma: "eu vivi e comprei terras sem saber ler, nem escrever e meus filhos podem fazer o mesmo".

Demonstrando interesse e valorizando o trabalho como meio de sustento da família, o imigrante não oportunizou o acesso à educação formal aos seus filhos, não apenas pelo fato de que "instrução não era ganha-pão" (COSTA, 1986, p.76), mas também, por não serem atendidos os pedidos dos diretores das colônias para que o governo imperial construísse uma escola. (CARVALHO *apud* COSTA *et al*, 1986, p. 76)

Neste âmbito, observam-se os indivíduos entrevistados. Sra. Regina Rosa Biasotto Tedesco, 69 anos; Sr. Lídio e Sra. Lídia Lusa, ambos com 81 anos; Sra. Nair Helena Breitenbach, de 75 anos; Sra. Inês Lazzarotto Tomasi, 72 anos; Sr. Fabiano Sbikosky e Sra. Sibila Silveira Sbikosky, ambos com 62 anos e Sra. Albina Mazzarollo Spasin, de 85 anos, ambos, netos de imigrantes italianos e poloneses, nascidos na zona rural do município. Com base nos fatos relatados pelos mesmos, além das informações contidas nas bibliografias escolhidas, observa-se o que podemos considerar a mediadora entre o descendente do imigrante e a leitura: a escola.

4.2.1 Escola: primeiros passos

Nascidos entre os anos de 1920 e 1951, os cidadãos da cidade de Veranópolis, netos de imigrantes italianos, alemães e poloneses iniciaram a trajetória escolar durante um “período em que o acesso à escola era bastante limitado, especialmente nas zonas rurais” (MANKE, 2008, p. 132). É perceptível a carência e a limitação escolar ao analisar as palavras do Sr. Fabiano Sbikoski

> Eu não lia isso porque eu não fui ao colégio. Nós tínhamos uma aula na minha época, mas não deu certo. Ela [a professora] saiu depois de uns dois meses e toda a minha geração não aprendeu a ler e a escrever. Mas meus irmãos mais velhos aprenderam. (FABIANO, 62 anos)

O Sr. Fabiano é descendente de imigrantes poloneses, estes, cujo tardio processo de imigração resultou na colonização das terras mais acidentadas e distantes do pequeno centro urbano da colônia. Wonsowski (1976, p. 9) comenta que “apesar de fertilíssimo, o terreno era, de ponta a ponta, pedregoso e difícil de trabalhar. Afora alguns retalhos de terras planas, toda essa gleba é, pavorosamente, acidentada”. Portanto, nota-se a dificuldade de se dirigir ao local, fato este que pode ter causado a carência de professores. Observando a pouca idade do Sr. Fabiano, que hoje se encontra com 62 anos, percebe-se que não foram apenas as gerações iniciais que ocuparam aquelas terras que estagnaram seus estudos. A difícil localização não deveria ser empecilho para a formação educacional de crianças em meados dos anos 60, portanto, nota-se neste quesito o que pode ser uma falha da administração pública, em não prontificar professores para atender o público estudantil, além de uma possível falta de interesse dos moradores do lugarejo.

Devido à extensão da Colônia de Alfredo Chaves, as localidades diferiam em alguns aspectos bem como a escolarização. A Sra. Regina Rosa Biasotto Tedesco, de 69 anos, é natural de Fagundes Varela, na época distrito pertencente a Veranópolis. Ela conta que “minha escola se chamava Grupo Escolar Ângelo Mônaco, era sede, por isso tínhamos uma professora por turma. Era uma casa grande, de madeira, que foi alugada, pois não tinha prédio próprio”. (REGINA, 69 anos)

É possível identificar que a educação proporcionada aos jovens e crianças em idade educacional, diferia. A Sra. Albina Mazzarollo Spasin, de 85 anos, comenta que

> A professora fazia o que podia, depois ela dava trabalhos pra fazer em casa. Então, ela passava no quadro a tal coisa e a gente fazia. Tinha alunos que demoravam, e ela ia com uma calma...mas quase todo mundo escrevia rápido, pois tinha alunos de quatro ou cinco séries na mesma sala. (ALBINA, 85 anos)

O relato da Sra. Albina, comenta a característica do professor que atendia todas as turmas da escola, conhecida por escola multisseriada. Ao analisar os relatos dos entrevistados sobre a vida escolar, percebemos que durante o período da colonização até a iniciação do aprendizado escolar formal houve mudanças. Não apenas de uma década para a outra, mas também nas diversas localidades de Alfredo Chaves. Para Faria Filho (2011, p. 153) a escola no Brasil foi ausente na vida da população e ao crescer e se desenvolver como instituição de ensino, não possuiu o mesmo significado e foi vivenciada de maneira desigual perante a sociedade.

Seguindo este preceito, juntamente com a resistência dos imigrantes à escolarização, percebemos as diferenças significativas de vivências impostas ao Sr. Fabiano, Sra. Regina e Sra. Albina. Considerando a diferença de idade, 61, 69 e 85 anos, respectivamente, percebemos que o indivíduo mais afetado em âmbito educacional formal é o Sr. Fabiano, o mais jovem dos entrevistados. Observando que a Sra. Albina, 24 anos mais velha que o Sr. Fabiano, e em idade escolar durante as décadas de 1920 e 1930, consideradas mais críticas devido à falta de meios de transporte, tecnologias e muitas vezes dinheiro, possuiu uma educação formal mais completa, sendo que, a professora repassava tarefas para serem realizadas tanto em casa quanto na aula, auxiliando os alunos que porventura estivessem mais atrasados na atividade de cópia. Além disso, a escola promovia um encerramento de ano letivo, sendo realizado juntamente com os alunos, pais, professora e prefeito da cidade, na época, Sr. Saul Irineu Farina, sentado ao centro da fotografia, (fotografia 1) demonstrando a participação dos pais e sociedade política na localidade.

Pode-se refletir que em uma sociedade em que o trabalho braçal era valorizado, o homem passava a ser cotado para a lavoura, enquanto a mulher dedicava-se ao trabalho doméstico, podendo ter mais flexibilidade para estudar.

Percebe-se assim que, “mandar os filhos à escola representava um peso para a economia da família (...) a perda da mão de obra era outra razão que impedia os pais de enviarem os filhos à escola” (COSTA *et al*, 1986, p. 76).

Fotografia 1 – Sra. Albina durante o encerramento do ano escolar.

Fonte: Acervo pessoal de Albina Mazzarollo Spasin (Segunda sentada no canto inferior direito)

A Sra. Nair Helena Farina, de 75 anos, é descendente de imigrantes alemães estabelecidos onde hoje é a cidade de Bom Princípio. Conta que como o pai possuía o ofício de dentista, a condição financeira familiar era razoável. Sobre os primeiros anos na escola, comenta que

> A gente ia para a escola, primeiro pra uma escola pública, onde eu fiz o jardim. Quando eu tinha 5 anos, eu fui para o jardim de infância da escola pública. Depois, passei pra uma escola que era da paróquia, que era dirigida por irmãs. Ali eu fiz até a quinta série. (NAIR HELENA, 75 anos)

Como a imigração alemã foi iniciada anteriormente à italiana e à polonesa, as colônias alemãs já possuíam infraestrutura básica, contando com escolas, médicos e dentistas, como o pai da Sra. Nair Helena. Desta forma, a vila de Bom Princípio já contava com duas escolas. Ao ser questionada sobre como era realizada a leitura, comenta que “nós fazíamos muitas peças teatrais e de músicas, não existiam tantos

livros, mas as professoras sempre faziam algo diferente com as histórias".(NAIR HELENA, 75 anos) (fotografia 2).

Fotografia 2 – Apresentação teatral como método de leitura

Fonte: Acervo pessoal de Nair Helena Breitenbach Farina. (Canto superior direito)

Convergindo histórias em apresentações teatrais e musicais, o processo de apropriação da leitura tornava-se diferenciado. Atentando ao fato da pouca disponibilidade de livros, as professoras desenvolveram a nova prática, visando contribuir para o ensino de uma forma lúdica, auxiliando também na desenvoltura da criança, resultando assim, em uma nova forma de exercer a prática da leitura, mesmo que esta não seja em um livro físico tradicional. "As determinações que direcionam as práticas resultam nas diferentes maneiras pelas quais os textos podem ser lidos e interpretados por distintos leitores" (MANKE, 2010, p.7).

As fotografias acima representam momentos importantes da vida da Sra. Nair Helena e da Sra. Albina. Em uma sociedade cuja fotografia apenas era tirada em ocasiões especiais, pode-se perceber que a escola desempenhava um papel importante na comunidade. Merecendo atenção especial, as atividades escolares registradas foram guardadas pelas entrevistadas como meio de relembrar o

passado, em especial o passado escolar. As fotografias ajudam a memória no que se refere à lembrança de fatos importantes.

O Sr. Lídio, 81 anos, por sua vez, comenta que os seus primeiros anos escolares foram cursados em colégios religiosos.

> Eu estudei no colégio de freiras, primeiro. Tinha o primeiro, o segundo e o terceiro ano. Eu fui lá pra ficar só o primeiro ano e fiquei os três. Era que nem primário, um pouco mais do que jardim de infância. Depois de lá, eu fui para o colégio dos Irmãos Maristas. (LÍDIO, 81 anos)

Devido a grande religiosidade do imigrante italiano, a presença de padres era corriqueira na colônia de Alfredo Chaves. Segundo Apremont (*apud* COSTA *et al*, 1986, p. 77) "a solução do problema escolar das colônias italianas foi dada pelos missionários capuchinhos da província de Savóia que chegaram ao RS" com o objetivo de transmitir conhecimento não apenas religioso, mas também científico, os freis capuchinhos auxiliaram a população não apenas no que se refere à fé e à educação, mas também concentraram as importantes decisões do povoado.

Ainda segundo Apremont, os capuchinhos passaram a necessitar de auxílio para desenvolver um bom trabalho, uma vez que não conseguiam atender toda região. Fizeram o pedido a outras congregações francesas, obtendo resposta das Irmãs de São José, dos Irmãos Maristas e dos Irmãos Lassalistas, que vieram a se estabelecer, sem demora, na colônia de Alfredo Chaves.

Ressaltando a falta de professores, os freis, irmãs e irmãos religiosos (as) supriram a necessidade da população, criando educandários considerados referência na região. A Sra. Inês Lazzarotto Tomasi, 72 anos, relaciona a sua educação inicial com o pai "Como a gente morava no interior, ele mandava os filhos para colégios de padre e freira. Então a gente estudou bastante". Em sua maioria, os indivíduos entrevistados participaram ativamente da escola, ainda que, por um pequeno período de tempo e em diferentes condições, mais ou menos propícias para a alfabetização, letramento e educação formal geral. Devemos levar em conta os diversos fatores impostos pela localização, gênero, cultura e década para buscar compreender e questionar como se deu a educação escolar da época, com todas as suas particularidades e características. Para Faria Filho (2011, p.154)

> É relevante levar em conta a especificidade da relação da instituição escolar com as múltiplas dimensões (culturais, políticas, econômicas, sociais) dos vários processos de formação vivenciados pelos

> diversos sujeitos sociais, sejam estes entendidos como indivíduos ou como grupos.

Percebendo as diferenças no que se refere ao tempo de escolarização e nas condições da mesma, observam-se também as diferenças de infraestrutura da escola, além do primeiro contato com a leitura.

4.2.2 A escola e a mediação da leitura: aprendendo a ler

Relembrando o “onde” como motivo de pesquisa em história da leitura, observamos a escola como principal meio de formação de leitores, iniciando a caminhada rumo ao letramento com escasso material escolar e de leitura, sabendo que a escola em que os entrevistados tinham acesso não possuía a estrutura ideal devido a fatores já comentados. A Sra. Albina comenta sobre os materiais escolares que utilizava

> Ela [professora] escrevia no quadro e a gente copiava em uma pedra grande, depois, quando terminava, a gente apagava. Depois, mais adiante, a gente começou a escrever num caderninho com uma pena e o vidrinho de tinta. A gente comprava essas coisas na cidade, as pedras também. Tinha uma loja, que um pedaço tinha fazenda, o outro, coisas pra colônia, em outro canto tinha coisas da escola. (ALBINA, 85 anos)

Durante uma época em que estudantes escreviam em pedras, ou em “um caderninho de no máximo doze folhas” (NAIR HELENA, 75 anos) parece improvável que livros estivessem disponíveis aos estudantes nas pequenas escolas do interior do município. A Sra. Regina, questionada sobre a leitura em sala de aula, ressalta o “pa, pe, pi, po, pu” como lembrança mais significativa dos primeiros tempos escolares. Ela elucida que “na época em que eu era criança, não havia muita coisa, nem biblioteca na escola. Mas nós tínhamos o livro “a pata nada”. (REGINA, 69 anos)

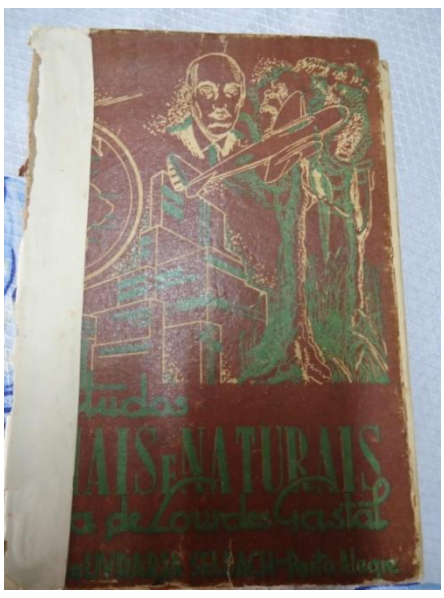
Estudando em um centro educacional “sede”, como a Sra. Regina comenta, nota-se a ausência de uma biblioteca para atender os professores e alunos. Porém, a cartilha se fazia presente no ofício de auxiliar a alfabetização de cada criança. Recordando do primeiro capítulo da Cartilha Sodré, “A Pata Nada”, apresentava as sílabas e fonemas a partir da mesma frase, contendo também a imagem de uma pata nadando em um lago.

A Sra. Regina, hoje com 69 anos, recorda da “Pata Nada”. Por ser uma cartilha de alfabetização simples, muito provavelmente, este foi o seu primeiro contato com as letras impressas de um livro, o primeiro contato com a alfabetização, gerando assim, a lembrança da “Pata Nada” juntamente com suas letras e sílabas. A partir desta memória, percebemos que apesar de empecilhos relacionados à cultura proveniente da imigração, em que a educação formal não era considerada obrigatoriedade, o início da alfabetização causou-lhe significativas impressões, fazendo com que a mesma se sentisse habituada ao mundo letrado (GALVÃO, 2002, p.19), proporcionando a lembrança positiva de uma etapa importante de sua vida.

O Sr. Lídio, que estudou em colégios administrados por religiosos, comenta que “na escola dos Maristas, de biblioteca tinha pouca coisa, um que outro livro. A gente tinha que comprar os livros da aula, mas um livro servia para dois ou três anos”. Localizadas na área central do município, as escolas administradas por religiosos continham e ofereciam melhores condições de estudo e leitura. Sem mencionar a “pedra” utilizada como caderno pelos alunos, comenta inclusive sobre os livros escolares, que abrangiam estudos gerais e matemática. (Fotografia 3)

Filho de um ferreiro, o Sr. Lídio recebeu oportunidades diferenciadas de educação, ao ser matriculado, ainda criança, em educandários religiosos. Talvez por possuir melhor condição financeira, ou pela visão da educação diferenciada de seu pai, que unindo “o estímulo familiar somado às habilidades e competências escolares” (MANKE, 2010, p.10), proporcionou ao filho uma educação formal de melhor qualidade.

Fotografia 3 – Livro escolar: estudos gerais e naturais



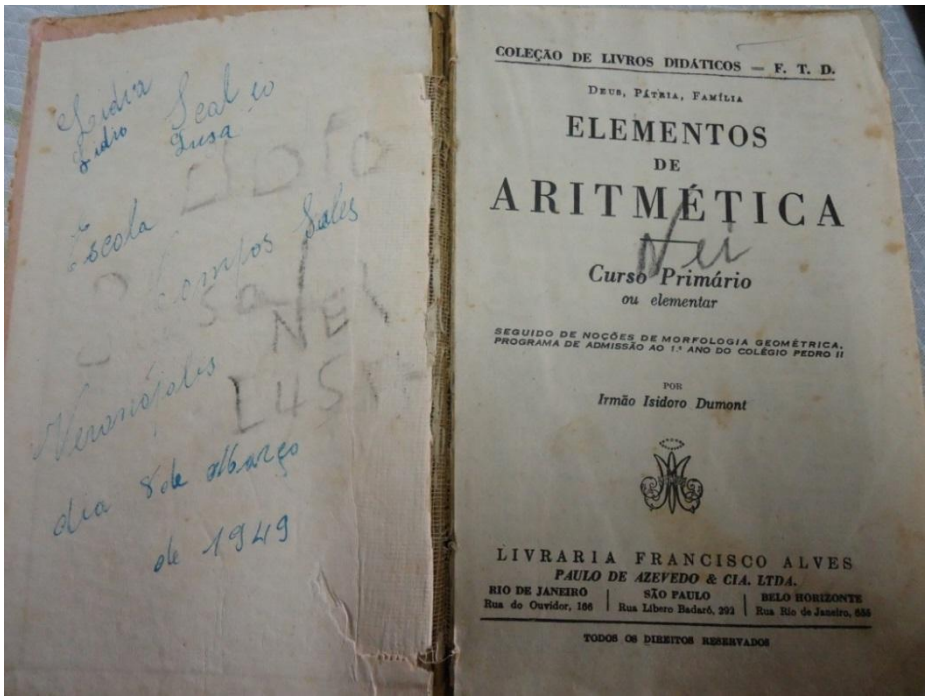
Fonte: Acervo pessoal de Lídio Lusa

Segundo Lídio, os livros utilizados por ele no início de sua educação formal eram aproveitados durante dois ou três anos. Porém, nota-se que o livro possui conhecimento para ser utilizado por diversos outros anos, já que “meus filhos também utilizaram eles”, comenta.

Observa-se também o fino traçado da caligrafia da Sra. Lídia, 81 anos, no livro Elementos de Aritmética (fotografia4). Com o escrito “Lídia e Lídio Lusa; Escola Campos Sales e Veranópolis, dia 8 de Março de 1949”, é possível identificar elementos como o nome da escola em que o livro pode ter sido utilizado, além do ano. Também se observam traços feitos a lápis, o que podem ser as primeiras letras do filho do casal, Nei. Traçadas em sua maioria em estilo bastão notam-se as linhas simples e soltas cruzando-se para montar as letras do nome “Nei Lusa”. (Fotografia 5)

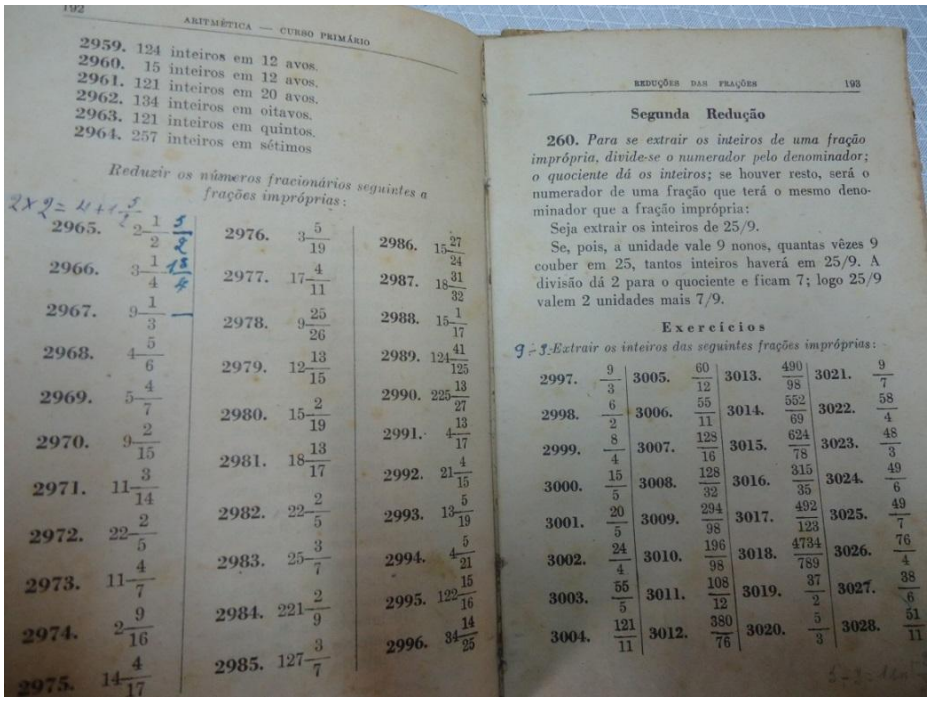
No interior do livro também podemos observar alguns exercícios feitos e refeitos pela Sra. Lídia (fotografia 6), uma vez que a página apresenta três cores diferentes na caligrafia, dois tons de azul na página 192, existente também na página 193, e o grafite, escrito no canto inferior da página 193.

Fotografia 4 –Utilização do livro pelo filho



Fonte: Acervo pessoal de Lídia Lusa

Fotografia 5 – Cálculos da Sra. Lídia



ARITMÉTICA — CURSO PRIMÁRIO

2959. 124 inteiros em 12 avos.
2960. 15 inteiros em 12 avos.
2961. 121 inteiros em 20 avos.
2962. 134 inteiros em oitavos.
2963. 121 inteiros em quintos.
2964. 257 inteiros em sétimos

Reduzir os números fracionários seguintes a frações impróprias:

2965.	$2\frac{1}{2}$	2976.	$3\frac{5}{19}$	2986.	$15\frac{27}{24}$
2966.	$3\frac{1}{4}$	2977.	$17\frac{4}{11}$	2987.	$18\frac{31}{32}$
2967.	$9\frac{1}{3}$	2978.	$9\frac{25}{26}$	2988.	$15\frac{1}{17}$
2968.	$4\frac{5}{6}$	2979.	$12\frac{13}{15}$	2989.	$124\frac{41}{125}$
2969.	$5\frac{4}{7}$	2980.	$15\frac{2}{19}$	2990.	$225\frac{13}{27}$
2970.	$9\frac{2}{15}$	2981.	$18\frac{13}{17}$	2991.	$4\frac{13}{17}$
2971.	$11\frac{3}{14}$	2982.	$22\frac{2}{5}$	2992.	$21\frac{4}{15}$
2972.	$22\frac{2}{5}$	2983.	$25\frac{3}{7}$	2993.	$13\frac{5}{19}$
2973.	$11\frac{4}{7}$	2984.	$221\frac{2}{9}$	2994.	$4\frac{5}{21}$
2974.	$2\frac{9}{16}$	2985.	$127\frac{3}{7}$	2995.	$122\frac{15}{16}$
2975.	$14\frac{4}{17}$			2996.	$34\frac{14}{25}$

REDUÇÕES DAS FRAÇÕES 193

Segunda Redução

260. *Para se extrair os inteiros de uma fração imprópria, divide-se o numerador pelo denominador; o quociente dá os inteiros;* se houver resto, será o numerador de uma fração que terá o mesmo denominador que a fração imprópria:

Seja extrair os inteiros de 25/9.

Se, pois, a unidade vale 9 nonos, quantas vêzes 9 couber em 25, tantos inteiros haverá em 25/9. A divisão dá 2 para o quociente e ficam 7; logo 25/9 valem 2 unidades mais 7/9.

Exercícios

Extrair os inteiros das seguintes frações impróprias:

2997.	$\frac{9}{3}$	3005.	$\frac{60}{12}$	3013.	$\frac{490}{98}$	3021.	$\frac{9}{7}$
2998.	$\frac{6}{2}$	3006.	$\frac{55}{11}$	3014.	$\frac{552}{69}$	3022.	$\frac{58}{4}$
2999.	$\frac{8}{4}$	3007.	$\frac{128}{16}$	3015.	$\frac{624}{78}$	3023.	$\frac{48}{3}$
3000.	$\frac{15}{5}$	3008.	$\frac{128}{32}$	3016.	$\frac{315}{35}$	3024.	$\frac{49}{6}$
3001.	$\frac{20}{5}$	3009.	$\frac{294}{98}$	3017.	$\frac{492}{123}$	3025.	$\frac{49}{7}$
3002.	$\frac{24}{4}$	3010.	$\frac{196}{98}$	3018.	$\frac{4734}{789}$	3026.	$\frac{76}{4}$
3003.	$\frac{55}{5}$	3011.	$\frac{108}{12}$	3019.	$\frac{37}{2}$	3027.	$\frac{38}{6}$
3004.	$\frac{121}{11}$	3012.	$\frac{380}{76}$	3020.	$\frac{5}{3}$	3028.	$\frac{51}{11}$

Fonte: Acervo pessoal de Lídia Lusa

O Sr. Lídio ainda comenta que possuía diversos livros antigos de um tio e que constantemente emprestava para conhecidos que necessitavam, porém, “assim eu perdi uns quatro ou cinco livros” (LÍDIO, 81 anos), uma vez que, ao emprestar, a devolução se tornava rara.

A difícil obtenção do livro proporcionava sua utilização por um maior tempo, por diversos membros da família. O livro, considerado um bem precioso, era cuidadosamente manuseado e utilizado a fim de possuir maior vida útil, servindo como material de leitura nos anos posteriores até os dias atuais. Durante a infância dos entrevistados, é possível constatar que o maior contato com o escrito era proporcionado pelo livro didático ou pela escola, principal instituição mediadora da leitura para grande parte dos senhores e senhoras entrevistados.

4.2.3 Escola Regina Coeli: referência em educação na região

Atendendo ao pedido dos freis capuchinhos, a congregação francesa Irmãs de São José, na forma da Madre Superiora Angela Perini, primeira diretora do educandário, além das irmãs Clemência, Olympia e Eugênia, se estabeleceram em Alfredo Chaves no ano de 1917, iniciando assim o Colégio São José, educandário restrito para meninas. No ano de 1945, visando o crescimento do estabelecimento de ensino, atendendo à demanda crescente de meninas em idade escolar, foram realizadas mudanças de prédios, além da criação do curso secundário. O colégio que passara a se chamar Regina Coeli (Rainha do Céu) tornou-se referência em educação na região. A Sra. Nair Helena comenta que passou a morar em Veranópolis devido à criação do curso secundário na Escola Regina Coeli.

> Como meu pai era dentista, ele viajava muito para Lagoa Vermelha, ele trabalhava muito lá. Um dia ele ouviu falar que estavam construindo o novo prédio da escola e que abriria um curso secundário do magistério, por isso ele quis vir pra cá, para que eu e meus irmãos tivéssemos uma boa educação. Fiz os exames de admissão e passei, então viemos morar aqui. (NAIR HELENA, 75 anos)

A Sra. Nair Helena, assim como a Sra. Inês, Sra. Regina e Sra. Lídia passaram pelas salas de aula, primeiramente do Colégio São José, posteriormente da Escola Regina Coeli. Ministradas, segundo as entrevistadas, pelas irmãs da congregação, as aulas incluíam “datilografia, inglês, francês, latim, música e solfejo” (NAIR HELENA, 75 anos) e eram comandadas com rigor pelas irmãs.

Durante os anos em que as entrevistadas iniciaram e finalizaram a sua escolarização, primeiramente em escolas interioranas e posteriormente no Colégio Regina Coeli, houve mudanças. Não apenas de educandário, mas também de método de ensino e infraestrutura escolar. Durante o início da escolarização, grande parte das mulheres que estudaram posteriormente na Escola Regina Coeli, relataram o uso da pedra como instrumento de aprendizagem, representando o que hoje conhecemos por caderno. Outro fator de diferenciação é o número de professores disponíveis para a turma, que, comumente era um e atendia todas as turmas estabelecidas dentro da sala de aula. Além disso, nas escolas do interior do município, não havia bibliotecas de forma que a leitura em sala de aula se dava apenas pelos livros didáticos e cartilhas que possuíam, ou pelos exercícios fornecidos pela professora.

Ao ingressarem na Escola Regina Coeli, após o exame de admissão, as estudantes recebiam instruções de música e língua estrangeira, ampliando os conhecimentos em campos que vão além do português, matemática e estudos sociais. A educação escolar proporcionada pelas irmãs da congregação São José pode ser considerada mais profunda do que a recebida nas escolas primárias, administradas por professores leigos. Com mais recursos e infraestrutura, as Irmãs de São José, auxiliadas pela Comunidade Veranense, tornaram-se referência em educação, oferecendo em suas dependências biblioteca, pátio para esportes e atividades cívicas, além de uma rotina de trabalho e aprendizagem.

Ao relembrar sobre a escola, a Sra. Regina fala sobre o tipo de leitura incentivada pelas irmãs.

> Lembro que nós tínhamos que fazer fichas de leitura para cada livro que líamos, eram algumas questões que tínhamos que responder sobre os livros. Lembro de ter lido Iracema de José de Alencar, também li muito Machado de Assis, os clássicos de hoje. (REGINA, 69 anos)

Livros de autores brasileiros considerados clássicos, que descrevem em suas páginas a história e evolução do país eram, além de lidos para fins de lazer, lidos e analisados em sala de aula, em aulas de Português e Literatura.

A Sra. Inês também comenta suas preferências literárias durante os anos escolares passados na Escola Regina Coeli.

> Eu gostava muito de poesias, gostava de declamar. Lembro-me da poesia de Casemiro de Abreu..."Oh! Que saudades que tenho; da aurora da minha vida; da minha infância querida; que os anos não trazem mais!". Essa era uma das minhas preferidas, mas os anos passam e a gente acaba esquecendo. Eu também gostava muito de Visita à casa paterna, de Luis Guimarães Júnior, atém hoje guardo na memória. (INÊS, 72 anos)

Emocionada, declama suas poesias preferidas, lidas na biblioteca da escola, exibindo a fotografia tradicional das moças estudantes do curso Normal da Escola Regina Coeli, na qual, elas aparecem segurando cadernos e livros, instrumentos de trabalho do professor (fotografia 6).Ela também comenta sobre os livros comprados durante esta época.

> Quando eu estudava no Regina Coeli, já uma mocinha, meu pai muitas vezes me dava um dinheirinho para comprar alguma merenda. Era como uma mesada, mas eu gostava de ler de tal maneira, que com aquele dinheiro, eu comprava os meus livrinhos. (INÊS, 72 anos)

Ao comentarem sobre a Escola, as senhoras relembram o aspecto físico do educandário, o uniforme que deveria estar sempre impecável, as aulas de línguas estrangeiras e música, a rotina de trabalho, em que cada estudante possuía uma tarefa para realizar, além da rigidez das Irmãs de São José. Porém, nenhuma mencionou castigos físicos, muito comuns em diversas escolas nesta época. Portanto, se os mesmos existiram, não foram tão significativos, sobressaindo boas lembranças do tempo escolar.

Desta forma, a Escola Regina Coeli formou a sua primeira turma de professoras pelo curso Normal, da qual a Sra. Nair Helena comenta com orgulho ser formanda. (Fotografia 7)

> Eu me formei no magistério na primeira turma do Regina Coeli. As irmãs eram muito rigorosas, mas me formei em segundo lugar. Eu era boa aluna. (NAIR HELENA, 75 anos)

Fotografia 6 – A Sra. Inês em fotografia oficial das estudantes do curso Normal da Escola Regina Coeli

Fonte: Acervo pessoal de Inês Lazzarotto Tomasi. (Segunda fila, canto direito).

Fotografia 7– Sra. Nair Helena, formanda da primeira turma do curso Normal da Escola Regina Coeli

Fonte: Acervo pessoal de Nair Helena Breitenbach Farina

Com mais oportunidades de estudo, as senhoras que estudaram na Escola Regina Coeli obtiveram a oportunidade de passar de uma escola, cujo material de leitura se reduzia aos exercícios e cartilhas de ensino, para um centro educacional em que eram oferecidas leituras de autores clássicos, incluindo romances e poesias. Desta forma, as mulheres adquiriram um novo apreço pela leitura, relembrando os autores favoritos em idade escolar e as obras que mais expressaram um significado em suas vidas.

Observa-se que a Escola Regina Coeli abriu novos horizontes para as entrevistadas, uma vez que se formaram professoras, continuaram exercendo a prática de leitura em suas vidas, buscando sempre transferir este apreço para os estudantes a quem lecionavam.

A escola foi apenas uma etapa da vida educacional e literária dos senhores e senhoras entrevistados, uma vez que, a mesma foi iniciada com diferentes tipos de

apropriação da leitura em casa, juntamente com a família, nos mais diferenciados suportes de leitura.

4.3 A leitura em casa: diferentes formas de apropriação

Ao questionar aos senhores e senhoras os métodos de leitura realizados em casa, diferentes memórias foram elucidadas, fazendo-me relembrar das diferentes situações e maneiras com que a leitura pode ser exercida. Não apenas centrada na palavra escrita em um suporte de papel, a leitura também se dá através da contação de histórias, ressaltando o papel do ouvinte. Em uma sociedade em que o livro impresso ou o jornal não estão disponíveis para todos os cidadãos, a contação de histórias adquire importância, tratando-se de um momento que além de lúdico, é caracterizado pela aprendizagem de valores.

Comumente, no que se refere à leitura oral, as sociedades transmitem seus "modos de pensamento, de conhecimento e de expressão" (FARIA FILHO, 2011, p.152), integrando assim sua cultura, nas histórias das quais contam. Apresentando a cultura oral como apropriação da leitura, os entrevistados comentam diversas memórias em que a oralidade se relaciona com a cultura da região.

Com menos frequência, o livro e o jornal se fazem presentes nas memórias dos entrevistados enquanto crianças, demonstrando que o mesmo não possuía grande circulação. Porém, as memórias tanto de leitura oral, quanto do escrito se tornam importantes representações da sociedade da época nas palavras dos entrevistados.

4.3.1 A leitura do escrito e suas dificuldades de obtenção

Durante o processo de imigração que colonizou as regiões serranas do Rio Grande do Sul, o material impresso de leitura era escasso. Como a educação e leitura não eram consideradas prioridades, além da difícil localização e transposição dos obstáculos naturais que cercavam a colônia, o comércio deste tipo de artigo encontrou empecilhos para que se intensificasse.

Apesar dos freis Capuchinhos manterem desde meados de 1900 a tiragem de exemplares do Correio Riograndense (COSTA *et al*, 1986, p. 77), este chegava a poucas famílias residentes na região. Sr. Lídio comenta que um tio que possuía o ofício de barbeiro recebia todos os dias um pacote de jornais para a venda, ele também lembra que "poucos tinham jornal. Nem todo mundo tinha condições de pagar. Aqueles da mesma classe se emprestavam, mas para os mais pobres eles não emprestavam" (LÍDIO, 81 anos).

Nessas palavras, percebemos que o jornal era considerado um artigo de luxo que a grande parte das famílias de agricultores não possuía, até mesmo porque a venda era estabelecida em pontos da cidade. O agricultor não realizava o trajeto para a cidade diariamente, apenas quando realmente necessitasse.

A Sra. Regina também possui lembranças do jornal em sua época de infância

> Por um lado a gente era privilegiado. Como meu pai era operário, a gente sempre tinha o jornal, então a gente sempre teve o hábito de ler. Aquilo pra mim, ao menos, foi uma escola pra vida. O gosto pela leitura eu adquiri com o jornal. (REGINA, 69 anos)

O pai da Sra. Regina, como a mesma comenta, era operário na vila que na época pertencia a Veranópolis, onde hoje é a cidade de Fagundes Varela, portanto, por morar em uma zona mais intensamente urbanizada, o mesmo poderia comprar o jornal com mais facilidade, ou, até mesmo realizando empréstimo do material de seu local de trabalho.

O jornal, além de trazer leitura informativa noticiando os acontecimentos mais importantes da região, também pode trazer folhetins, caracterizados por serem textos literários publicados "aos pedacinhos cotidianos num jornal" (MEYER, 2011, p. 55), desta forma, o jornal também proporciona leitura literária.

Um dos folhetins publicados no jornal Correio Riograndense foi "o artigo seriado do interesse do imigrante" (COSTA *et al*, 1986, p. 77) com a história "Nanetto Pipeta", que relata a vida de um imigrante italiano iludido com as promessas do governo brasileiro de boas terras no país, acaba se decepcionando ao chegar nas colônias, devido às inúmeras dificuldades que deveria enfrentar. A Sra. Inês relembra a história do Nanetto Pipeta na voz de seu pai

> Lembro-me muito da história do Nanetto Pipeta, era a história que mais contavam. O Nanetto Pipeta era um aventureiro que saiu da Itália e veio para o Brasil. Eu não me lembro bem, mas ele achava

> que encontraria grandes coisas aqui, só que ele achou muitas dificuldades. (INÊS, 72 anos)

Nanetto Pipeta trata de um folhetim clássico regional que caiu no gosto popular do descendente do imigrante italiano, uma vez que o mesmo trata com bom humor a realidade vivenciada pela grande maioria de imigrantes: as altas expectativas da nova terra, combinadas com a decepção de visualizar as dificuldades que deveriam ser enfrentadas, a fim de que a terra se tornasse produtiva.

Nanetto representa o colono imigrante, que na Itália fala sobre a América com a seguinte expressão “pi bela legria, chemai passa via” (que bela alegria que nunca passa) [tradução nossa], porém, ao chegar ao Brasil, depara-se com alimentos comuns e hábitos de tropeiros que considera estranhos, chegando a constatação de que pelo menos “in Mérica, de fame non se morre” (no Brasil, de fome não se morre) [tradução nossa].(BONI; COSTA, 1984, p.183)

A Sra. Inês não conheceu a história por meio das letras de um jornal, mas a ouviu de seu pai que certamente a leu no jornal Correio Riograndense, uma vez que “meu pai sempre comprava o jornal. Na época, acho que já era o Correio Riograndense. Ele não tinha muito estudo, mas sabia ler e sempre comprava o jornal” (INÊS, 72 anos). Por ter grande circulação de exemplares, forneceu material de leitura para diversas pessoas que possuíam poder aquisitivo para comprá-lo, tornou a história do Nanetto Pipeta muito popular, uma vez que “o romance-folhetim teve extraordinária repercussão em todas as classes sociais (...) é lido diariamente ou escutado pela leitura em voz alta, o que multiplica o número de leitores” (MEYER, 2011, p. 57).

O fato da Sra. Inês ter se apropriado da história por meio da leitura oral, demonstra o alcance que a mesma possuiu, chegando às crianças da região rural da cidade, que não obtinham um maior contato com o jornal, além de talvez, não serem alfabetizadas. O sucesso da mesma se torna evidente ao analisarmos o seu conteúdo, uma vez que os filhos, netos e bisnetos de imigrantes acabaram por identificar o personagem com seus antepassados, relacionando as histórias da colonização contadas pelos mesmos com as peripécias do personagem Nanetto Pipeta, o “herói negativo” (BONI; COSTA, 1984, p.183).O Sr. Lídio, também comenta sobre a história, elucidando uma diferente apropriação que a Sra. Inês obteve

“Lembro que a gente contava a história do Nanetto Pipeta também, depois, a história saiu no jornal, um pedacinho por dia, mas então a gente já era adulto. A gente guardou os recortes para montar o livro” (LÍDIO, 81 anos).

O jornal, que além de folhetins também publicava poemas, tornava-se um significativo veículo de leitura para lazer, não apenas para informação e atualização de notícias em geral. A Sra. Regina, que possuía acesso ao jornal diariamente, elucida suas preferências literárias quanto a este veículo de leitura “eu sempre pegava o jornal pra ler, enquanto criança. Me chamava atenção principalmente as poesias, mas eu gostava de ler todas as notícias” (REGINA, 69 anos).Durante sua infância, a Sra. Nair Helena também se recorda do jornal “meu pai assinava o Correio do Povo, o jornal era bem grande, precisava dos dois braços para folhear” (NAIR HELENA, 75 anos). A Sra. Nair Helena não guarda memórias de ela mesma ter folheado ou lido o jornal do pai, porém se recorda de seu aspecto físico, demonstrando que para ela, as horas de leitura do pai eram significativas.

Uma vez que o jornal estava disponível para famílias consideradas mais abastadas, observamos que os compradores do mesmo não eram agricultores. O pai da Sra. Regina, como a mesma comenta, era operário, o pai do Sr. Lídio, ferreiro e o pai da Sra. Inês era proprietário de um moinho, além do ofício de dentista do pai da Sra. Nair Helena. Percebe-se, que talvez, por serem profissões com uma maior rentabilidade, os pais mencionados acima puderam proporcionar o jornal como meio de leitura aos filhos, portanto, indaga-se o meio de leitura do escrito que filhos de agricultores utilizaram, sendo que, estes, pouco dinheiro tinham para despesas relacionadas à educação e leitura.

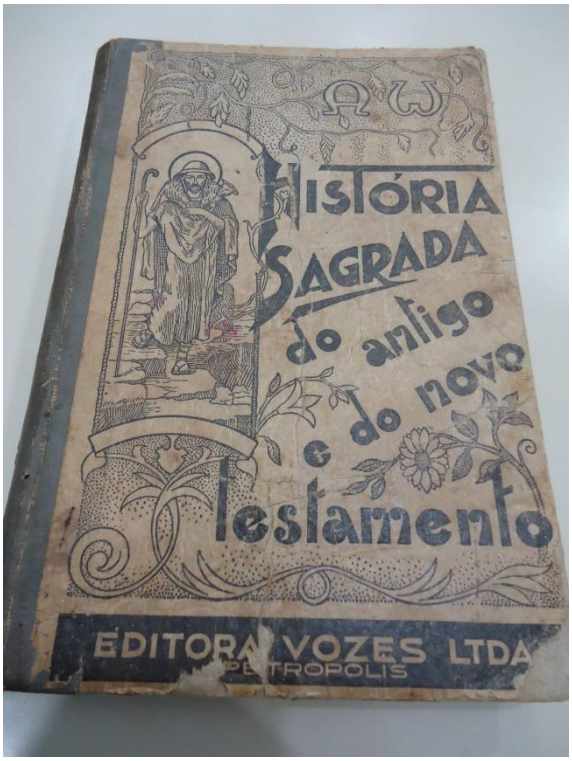
A Sra. Albina Spasin, filha de agricultores, comenta que a leitura do escrito, para ela, era realizada através do livro de orações e histórias bíblicas do catecismo. “A gente tinha o livrinho de catecismo com as orações. Era tudo simples, não era grande coisa” (ALBINA, 85 anos). Relacionando a sua prática de leitura enquanto criança muito mais com a escola, a Sra. Albina pouco teve contato com a leitura escrita fora da mesma. Sendo assim, para ela, a religião também obteve caráter educacional no que se refere à leitura, uma vez que os veículos do escrito eram escassos.

4.3.1.1 A cultura do escrito da religião Católica

Com uma cultura religiosa intensa, os imigrantes, ao chegarem a suas colônias logo ergueram igrejas para que o serviço religioso não fosse estagnado, sendo que “o atendimento religioso ao imigrante foi periódico e sistemático”(COSTA *et al*, 1986, p. 78). A religião se fez significativamente presente aos entrevistados, que relembraram da mesma no que se refere à leitura, durante as atividades de catequese.

Ao ser questionada sobre a leitura da Bíblia, a Sra. Nair Helena, comenta que a mesma não era permitida às crianças. “Nós não podíamos ler a Bíblia, os padres não deixavam, por isso, nós líamos mais algumas histórias da criação, essas coisas” (NAIR HELENA, 75 anos). A Sra. Lídia, também guarda na memória a proibição da leitura bíblica “Na época nós não podíamos ler a Bíblia, era mais a história sagrada” (LÍDIA, 81 anos). A Sra. Regina, ainda possui seu exemplar da História sagrada do Antigo e do Novo Testamento, mesmo livro que a Sra. Lídia recorda. (Fotografia 8).

Fotografia 8 – Livro História Sagrada do Antigo e Novo Testamento



Fonte: Acervo pessoal de Regina Rosa Biasotto Tedesco

Analisando os motivos que levavam a proibição da leitura da Bíblia em uma comunidade intensamente católica, não apenas no que se refere aos imigrantes italianos, como é o caso da ascendência da Sra. Regina e da Sra. Lídia, mas também de descendentes de imigrantes alemães, como a Sra. Nair Helena, observa-se que a religião era ensinada com mais rigidez, resultando na proibição da leitura da Bíblia, que poderia proporcionar interpretações errôneas, devido à dificuldade de compreensão. Desta forma, para Cavallo e Chartier (2002, p.35)

> Na Alemanha luterana, mas também no norte da Europa, a Bíblia é um livro de paróquia, de pastores, de candidatos ao ministério, que não deve ser dado aos que corriam o risco de realizar leituras ortodoxas e perigosas (...) Os catecismos, os salmos, as histórias bíblicas (que são reescrituras do próprio texto bíblico) constituem o material (...) dessa mediação de leitura.

Sendo assim, percebemos a restrição quanto à leitura da Bíblia, que era apenas direcionada a membros das organizações religiosas, disponibilizando e permitindo então, leituras mais amenas de adaptações de textos bíblicos, como comenta a Sra. Nair Helena “Na minha época, a gente não dava de presente a Bíblia como hoje, nós dávamos livrinhos de histórias ou orações da bíblia” (NAIR HELENA, 75 anos).

As particularidades de cada nação que imigrou para a colônia de Alfredo Chaves também se faz presente nas palavras do Sr. Fabiano, ele comenta que apesar de analfabeto, foi instruído no catecismo, ressaltando que “nós tínhamos catecismo em polonês, mas depois foi pra português” (FABIANO, 62 anos). Devido ao intenso sentimento de regionalização, em que “o imigrante permanecia, como é natural, ligado emocionalmente a sua terra de origem” (BONI; COSTA, 1984, p.183), a língua constituía uma conexão cultural para que o mesmo cultivasse os costumes que trouxe de seu país de origem, repassando-os para seus descendentes, como o Sr. Fabiano, que apesar de analfabeto, fala polonês, e o dialeto italiano da região, conhecido como dialeto vêneto ou simplesmente “talian”. Dessa forma, aprendendo as histórias bíblicas e as orações em polonês, o Sr. Fabiano se mantinha ligado à terra de origem de seus antepassados.

O mesmo fato ocorria com os descendentes de italianos. As orações, as histórias e conversas durante a catequese também se desenvolviam em italiano, sendo que, as crianças deveriam decorar as informações. O Sr. Lídio comenta “Eu,

no catecismo, podia jogar pra cima e cair em qualquer página, que eu sabia tudo de cor" (LÍDIO, 81 anos).

As leituras referentes à aprendizagem do catecismo eram realizadas por todas as crianças cuja idade condizia com a atividade, a fim de que aprendessem e respeitassem a religião. Desta forma, a Igreja Católica também contribuiu para que a leitura ou as histórias fossem inseridas na vida de crianças, mesmo que não letradas. Sendo assim, pode-se considerar a religião como uma formadora de comunidades leitoras, levando em conta que "a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos" (CHARTIER, 1999, p. 13), sendo, portanto, a igreja como espaço de leitura e o hábito de ler material religioso como formador de uma comunidade de leitores, uma vez que os indivíduos buscavam o mesmo tipo de leitura e aprendizagem.

A contribuição que a Igreja Católica proporcionou para a vida literária dos entrevistados é significativa ao percebermos que neste espaço de leitura, as crianças encontravam material escrito para exercer a atividade de leitura, mesmo numa época em que o acesso ao mesmo era consideravelmente limitado. As histórias bíblicas, com conteúdos que repassam valores e moralidade ao leitor, também acabam por ensinar a distinção do certo e errado, instruindo as crianças para situações futuras. Neste âmbito, o Sr. Lídio relata sua história bíblica favorita, cujo conteúdo lhe chamou atenção enquanto criança, lembrando-se da mesma nos dias atuais.

> A história bíblica que eu mais gostava era A mãe dos sete macabeus. Ela era um pouco pesada para crianças e me chamou atenção. Lembro que mandaram atravessar o rio para buscar trigo, e levaram Benjamin, o filho mais novo. José já era rei do Egito, e quando Benjamin chegou lá, José segurou ele no colo, mas não sabia que eram irmãos. (LÍDIO, 81 anos)

Relacionada à cultura do escrito está, irremediavelmente, a cultura da oralidade, esta, que proporciona momentos de descontração entre pais e filhos durante a contação de histórias. Em uma sociedade que o material escrito era escasso, a história oral se tornou atividade corriqueira e prazerosa na vida, principalmente das crianças, que usufruíam da mesma com intensa avidez.

4.3.2 A leitura oral na região de imigração italiana

Para Mangel (2006, p. 138) “Reunir-se para ouvir alguém se tornou também uma prática necessária e comum” uma vez que, a dificuldade de obtenção do objeto escrito levava a uma cultura significativa de oralidade, não apenas para a contação de histórias, mas também para as notícias locais que corriam no famoso “boca-a-boca”.

A transmissão de conhecimentos através da oralidade se tornou a principal forma de leitura comentada pelos entrevistados. Grande parte possuiu alguma figura familiar ou social que mediou esta modalidade de leitura. A apropriação da leitura “fora-do-texto” (MANKE, 2008, p. 129), se deu de diferentes maneiras para os senhores e senhoras entrevistados, uma vez que a leitura do escrito foi desenvolvida muito mais em âmbito escolar, a oralidade foi centrada quase que exclusivamente em ambiente familiar, na figura de um tio ou avô. Pelas palavras dos entrevistados, pude perceber que a leitura oral, a contação de histórias, possui um significado mais sentimental, em contraste com a leitura do escrito. Este fato se dá pelo meio familiar no qual foi desenvolvida, não estando relacionada com a aprendizagem rígida que a escola impunha na época. Para os entrevistados, a leitura oral era sinônimo de lazer e aproximação dos entes queridos. Em suas palavras, a Sra. Albina relata que a leitura oral em sala de aula era praticamente inexistente. “Na sala de aula a professora não tinha tempo de contar histórias pra nós” (ALBINA, 85 anos).

Em âmbito estritamente familiar, Sr. Lídio relembra a principal figura de seus divertimentos com as “historietas”, como são chamadas as histórias tradicionalmente orais, contadas e recontadas de pais para filhos: seu avô. Homem simples, como o Sr. Lídio comenta, o avô emigrou da Itália para o Brasil e se estabeleceu na então colônia de Alfredo Chaves. Contador de histórias por natureza resume o avô com a seguinte frase: “meu avô adorava contar histórias, contava toda hora e sempre em italiano” (LÍDIO, 81 anos).

Permanecendo a língua pátria, esta que ensinou para o neto, o avô do Sr. Lídio contava as mais diversas “historietas”. Ao ser questionado sobre o porquê de seu avô utilizar a leitura oral como meio de lazer, comenta que “ele [o avô] dizia que na Itália, seis meses se vivia dentro dos galpões, por causa do frio. Então eles iam

fazer o que nesse tempo? Contavam histórias pro tempo passar mais rápido" (LÍDIO, 81 anos). A Sra. Albina comenta o mesmo fato ao ser questionada sobre a contação de histórias. Portanto, percebe-se que a leitura oral é uma característica presente na vida do italiano, que a inseriu nos vales da serra gaúcha ao emigrar para determinada região.

A dificuldade de obtenção do escrito, assim como a de transporte do mesmo relacionada à "perda de bagagens nos navios transatlânticos" (COSTA *et al*, 1986, p. 15) pode ter contribuído para a disseminação da "historieta" como meio de lazer e aproximação familiar, principalmente com as crianças. O tempo passado com seu avô durante a atividade de contação de histórias surtiu significativo efeito na vida do Sr. Lídio, que relembra com carinho os momentos de lazer, cultura e aprendizagem que o avô proporcionava para ele e os primos com as mais diversas histórias. Ao ser questionado sobre suas histórias favoritas, inicia com as que mais apreciava, por terem proporcionado bons momentos de risada.

> Histórias tinham bastante. O meu nono contava cada uma... Ele contava que quando Jesus caminhava na terra, era muito mal visto. Ele andava nas casas de família disfarçado pra ver o que eles diziam. As famílias não sabiam que era Ele. Um dia chegou numa família perto da noite, a família estava preparando uma terra e Jesus pediu: "Tão fazendo o que aí?", e o casal respondeu: "Preparando a terra"; "Pra plantar o que?", Jesus disse. O casal respondeu então "Rapani", que significa rabanete em italiano vêneto. Então Jesus perguntou para quem o casal plantava e a mulher respondeu: "Plantamos apenas para mim e para o meu marido". Depois, Jesus foi mais pra frente e outra família estava fazendo a mesma coisa. Ele pediu "Vocês plantam pra quem?" e o homem da família respondeu: "Pra mim, pra minha mulher, pros meus filhos e toda a família, quem quiser vem buscar!". E no final da história, diz que a primeira família só fez dois rapani, um pra mulher e outro pro marido, e a outra família, quanto mais arrancava rapani, no dia seguinte nascia sempre mais. Quanto mais arrancava, mais tinha. (LÍDIO, 81 anos)

Observando a história contada pelo avô do Sr. Lídio, percebemos diversos fatos e acontecimentos que marcaram a trajetória do imigrante italiano e seus descendentes. A intensa religiosidade, que marcou profundamente o italiano, fazendo parte de sua identidade, aparece na forma de Jesus Cristo caminhando sobre a terra, a fim de saber de certa forma a índole de seu povo. Também é possível identificar a agricultura em primeiro plano na história, onde ambas as famílias realizavam atividades de plantio com a terra, realidade da grande maioria dos imigrantes e seus descendentes. Neste âmbito, é possível observar a relação da

história com a realidade vivenciada. Para Manke (2008, p. 135) “Os motivos que caracterizam a relação desses agricultores com a leitura podem ser interpretados como (...) uma busca pelo conhecimento dos fatos históricos que vivenciaram ou foram vivenciados por seus antepassados”.

Outro fator que é possível observar nas palavras do Sr. Lídio, é a presença da língua italiana com a palavra “rapani”, ou seja, rabanete. Levando em conta que a história original foi contada a ele inteiramente em italiano, percebemos como o legume plantado na história foi a única palavra dita em língua estrangeira, o que nos faz imaginar se a lembrança da mesma o remete diretamente para esta história sendo contada pelo seu avô, como se “rapani” fosse uma espécie de palavra-chave.

Portanto, ao estudarmos a história percebemos que a mesma remete para a própria cultura religiosa e de agricultura do morador da região, apresentando também o valor moral da generosidade, que segundo a Igreja Católica pode ser recompensada Fica evidente que o indivíduo procura identificação com a história, muitas vezes, refletindo a sua própria realidade de vida. Muito provavelmente, o avô do Sr. Lídio ouviu a história de algum outro parente próximo, no Brasil ou na Itália, destacando o fato de que os valores de solidariedade e temeridade a Deus foram transmitidos do povo italiano para seus descendentes brasileiros.

Seu Lídio relembra de outra história contada pelo avô, ressaltando a caminhada de Jesus sobre a terra. Ele comenta que Jesus novamente bateu na porta de uma família para pedir estadia, porém, a família recusou-se mandando-o pedir abrigo na família vizinha, que era notoriamente mais pobre. Segundo a narrativa, a família vizinha deu abrigo a Jesus e o trataram como um convidado especial, este, ao ir embora, abençoou-os dizendo que no primeiro trabalho que fizessem iriam perceber uma diferença. A mulher, por sua vez, iniciou o dia cortando fazendas de tecido para fazer calças, então percebeu que o tecido se multiplicava. Ao contar para a amiga, mulher que recusou abrigo a Jesus, esta ficou com inveja e mandou o marido chamar o homem misterioso. A noite transcorreu da mesma forma que na família mais pobre e pela manhã, Jesus abençoou a família. A mulher que já havia deixado os tecidos sob a máquina resolveu primeiro ir ao banheiro, da forma que ir ao banheiro foi o seu primeiro serviço, ficou o dia todo lá. (Anexo A)

Novamente, a religiosidade fica em evidência na segunda história contada pelo Sr. Lídio. A avareza, generosidade e inveja também estão representadas na narrativa, de modo que Jesus percebe e impõe algo que representa um castigo ou uma bênção. As histórias possuem significado, instruindo que, ao sermos generosos e bons, poderemos ser recompensados, ao passo que, ao sermos invejosos e gananciosos, seremos castigados por um Deus que tudo vê. Sendo assim, um momento de divertimento com o neto e avô também se torna uma transmissão de valores morais. São percebidos outros fatores. Muito provavelmente as famílias possuíam pouco dinheiro para comprar montantes de tecido e a utilização do rabanete novamente como cultura, o que sugere que era plantado pela família do Sr. Lídio durante sua infância.

O entrevistado, relembrando das histórias, comenta sobre a historinha de ninar contada pelo avô.

> Eu gostava de ir dormir lá na casa do meu avô, porque eu tinha um tio que era um ano mais novo que eu, e a gente ia dormir junto com ele no quarto. Então meu vô contava várias “historietas”. Quando ele estava cansado, ele contava a história do pastor que levava as ovelhas pastar na Itália. Então ele dizia o que tinha na estrada e tal, e dizia que tinha um rio com uma pontezinha, uma pinguelinha estreita pra passar. Então ele dizia “agora vamos passar pro lado de lá do rio” e ele contava que do outro lado do rio tinha os pastores que se reuniam. Então ele contava que as ovelhas se aproximavam da ponte e dizia “agora não podemos falar, se não as ovelhas se assustam e caem dentro do rio, então fiquem quietos e deixem elas passar... Agora tão começando a passar, tão passando...”e daí a pouco a gente perguntava, “Já passaram?” e ele dizia “Não, não, ainda não passaram, fiquem quietinhos agora pra elas passarem”. E a gente acordava só no dia seguinte. (LÍDIO, 81 anos)

A presença do avô na vida de ouvinte é de grande importância, uma vez que ele representava o grande motivador para ouvir as histórias, sempre relacionadas com o seu meio de vida ou com determinados aspectos da sua cultura. A Sra. Albina, por sua vez, apesar de não recordar as histórias que ouvia durante sua infância, relembra a atitude que ela e os irmãos obtinham durante a contação. “Ele [tio avô] contava histórias da Itália, e nós lá com os olhos bem quietos, escutando. Ele contava sobre o frio da Itália, sobre as brincadeiras de escorregar. Ele gostava de contar e nós gostávamos de ouvir”. (ALBINA, 85 anos)

Para a Sra. Albina, os momentos de ouvinte eram mais raros do que para o Sr. Lídio, sendo realizados principalmente durante os filós da família.

4.3.2.1 A cultura de oralidade do filó

Devido ao pouco tempo reservado para lazer, uma vez que o trabalho era abundante e deveria sempre ser realizado durante o dia para aproveitar a luz natural, os imigrantes e seus descendentes acabaram por realizar suas horas de divertimento à noite. Assim, foram criados os filós, conhecidos como saraus ou serões em culturas urbanas, que possuem por definição

> Grupos de vizinhança associados a formas de lazer comunitário. Reuniões na privacidade das casas, onde se reencontra a tradicional função do serão, que inclui tanto o velho hábito da leitura, ou contação de história em voz alta. (MEYER, 2011, p.58)

Consideradas oportunidades de reunião, as principais atividades do filó eram o jogo de cartas, a atividade de costura, as conversas e contação de "historietas", sempre regadas com vinho e mesa farta. Sobre o filó, Boni e Costa (1984, p. 163) comentam que "Várias famílias combinavam de se encontrar, ao entardecer, para, juntas, fraternizarem as próprias experiências".

Para o Sr. Fabiano, ouvir as "historietas" contadas pelos mais velhos durante os filós tinha caráter restrito. "Nos filós uns jogavam cartas, outros contavam anedota, mas como a gente era gurizada, a gente não ficava prestando atenção na conversa dos adultos, nem deixavam a gente escutar" (FABIANO, 62 anos). Portanto, no que se refere à lembrança mais exata de anedotas ou histórias, o Sr. Fabiano não possui, uma vez que os adultos não permitiam crianças participarem ativamente da conversa, restando a lembrança do fato em si, da contação de histórias durante a atividade do filó.

Por sua vez, a Sra. Inês relembra o conteúdo das histórias contadas durante as conversas dos filós. "Durante os filós, eram contadas muitas histórias, como o pessoal era de origem italiana, as histórias que contavam eram as que vinham da Itália" (INÊS, 2013). Retomando a leitura como uma forma de vivenciar o passado nas palavras contadas, as crianças passavam a compreender a vida de seus antepassados por meio da leitura oral. Outro personagem principal das leituras orais, recordado pela Sra. Inês, chama-se Paco Sanches, homem que viveu na região e é considerado até os dias atuais como herói e bandido, dividindo opiniões pelas façanhas realizadas, estas que, renderam muitas histórias contadas também durante os filós.

Questionado sobre os filós, o Sr. Lídio comenta sobre uma interessante iniciativa de sua família.

> A gente fazia muito filó de noite. Em oito ou dez anos a gente não perdia dez noites por ano. Era toda a noite, podia chover canivete de um metro e meio, chuva de pedra, geada, o diabo a quatro! A gente se reunia em mais de 60 pessoas. Era fantástico, jovem, velho, não tinha idade. E a gente tinha um livro chamado “Livro das escrituras”, que a gente escrevia tudo o que se passava, todas as noites, e uma irmã minha queimou. Mas tinha tudo escrito lá... Por exemplo, “Fomos lá no Marin e comemos pipoca, pinhão, conversamos sobre isso e aquilo”. Era uma ata, pena que foi queimado. (LÍDIO, 81 anos)

Pelas palavras do Sr. Lídio, percebemos o teor de importância que as reuniões entre vizinhos possuíam em sua família, que escrevia em um livro os assuntos comentados, histórias contadas e detalhes pormenores, a fim de que os serões fossem registrados para anos posteriores. Porém, a queima do documento resultada muito provavelmente no pouco apego ao material escrito ou documento histórico familiar por parte da irmã, deu fim ao registro realizado pela família ao longo do tempo. É relevante indagar os motivos que levaram os membros da família Lusa a documentar este importante momento de lazer, uma vez que, outros entrevistados não realizaram a mesma atividade. Desta forma, ao analisar a trajetória de vida do Sr. Lídio, cujo contato com a leitura do escrito e oral foi mais significativo, chegando a receber educação escolar formal de melhor qualidade, percebemos que sua família possuía uma maior conscientização quanto aos hábitos de leitura e escrita, realizando-os deliberadamente como meio de lazer. Quanto ao fato da destruição do documento, observa-se que o hábito se torna comum na região, onde descendentes de imigrantes acabam por queimar além de fotografias, documentos como passaportes, certidões e demais papéis de relevância histórica que acreditam não possuir valor.

No que se refere ao filó como cultura que favoreceu principalmente o ato de ouvir uma história, é possível considerar que a atividade possuiu resultado benéfico, uma vez que diversos fatores contribuíam para a baixa disseminação do impresso. Portanto, observa-se que mesmo de caráter voltado ao lazer, do filó, resultaram memórias e lembranças de histórias e anedotas, prevalecendo a oralidade como modalidade de leitura.

4.4 O indivíduo mediador da leitura

Em uma sociedade cujos aspectos não contribuíam diretamente para o desenvolvimento da leitura, uma vez que o dinheiro era restrito, o trabalho, uma realidade e os obstáculos naturais difíceis de transpor, a leitura acabou por ser desenvolvida e apropriada de diferente forma do que nos grandes centros urbanos. Porém, de alguma forma, a leitura foi inserida na vida dos senhores e senhoras entrevistados, mesmo que por breve período. Durante as horas que passamos relembrando do passado, todos eles comentaram sobre uma figura mediadora da leitura que lhes proporcionou o hábito de alguma forma.

A Sra. Regina possui como fonte inspiradora de leitura, seu pai. Ela comenta lembrar-se perfeitamente de quando o pai, ao anoitecer, sentava-se em uma mesa grande para ler o jornal e escutar o rádio. Para ela “Quem mais me incentivou a ler foi o meu pai, pena que ele não teve um maior acesso à educação. Ele chegava de noite em casa e sentava para ler o jornal” (REGINA, 69 anos). Ao observar seu pai no momento de leitura, a Sra. Regina interessou-se também pelo ato de ler, sendo auxiliada pelo pai, inclusive nas tarefas e atividades da escola. Para ela, a figura do pai com o jornal está profundamente relacionada, fazendo com que ela também inicie sua leitura com este suporte, preferindo principalmente as poesias.

O pai, também é considerado o principal mediador de leitura pela Sra. Inês, que também relembra da relação de seu pai com a leitura diária do jornal. Comenta que o pai proporcionou educação escolar formal de qualidade para ela e os irmãos, dando oportunidade assim, para que eles se tornassem leitores. A principal lembrança que relaciona o pai com a leitura é que o mesmo propiciou para que ela fosse inserida e desse continuidade na prática de leitura, comprando-lhe livros enquanto criança. “Eram histórias de fadas e duendes. Tinha a Gata Borralheira, Branca de Neve, Rapunzel, O Gato de Botas, O Sargento Verde, Os Três Porquinhos, João e o Pé de Feijão. Todas essas histórias eu lia quando era pequena” (INÊS, 72 anos).

A Sra. Nair Helena, por sua vez, também considera os membros da família como incentivadores e proporcionadores da leitura. O pai, como era dentista e viajava devido ao trabalho, trazia mimos para os filhos, desta forma “a gente tinha

livrinhos em casa, pois como meu pai viajava muito por causa da profissão, ele sempre trazia uns livrinhos pra nós, além de material para a escola" (NAIR HELENA, 75 anos). Tinha acesso ao escrito, principalmente pelas mãos do pai. Ela também comenta que a mãe auxiliava nas tarefas de escola, além disso, havia material de leitura na casa dos tios e da avó, que não sabia falar português, apenas alemão. Os tios também foram mediadores literários,

> A gente tinha muitos tios que estudavam pra padre ou pra freira, então eles nos faziam ler os cantos da igreja. Nós sabíamos todos os cantos da igreja de cor. Nós rezávamos o terço juntos, na minha vó, o terço era em alemão. (NAIR HELENA, 75 anos)

A leitura relacionada à igreja, presente também na vida dos demais entrevistados, era proporcionada pelos tios e tias religiosos, cujo acesso ao escrito se dava com maior facilidade. Sendo assim, para a Sra. Nair Helena, a família teve intensa relação com a leitura, uma vez que os membros da mesma, de alguma forma, proporcionavam-lhe o ato de ler.

Para o Sr. Lídio, o avô foi referência na arte da contação de histórias, elucidadas sempre em italiano. Hoje, o Sr. Lídio também faz uso do costume de contar histórias, como seu avô, recontando-as para os que desejarem ouvir.

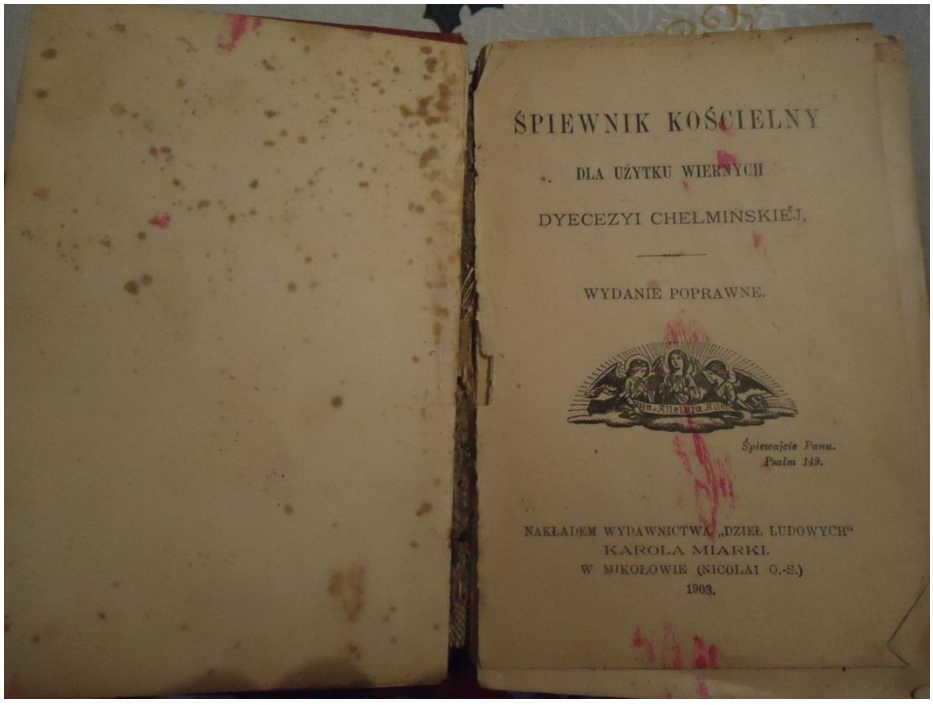
A Sra. Albina, por sua vez, considera a professora das séries iniciais como figura mediadora da leitura, uma vez que a apresentou ao mundo letrado. Sendo a entrevistada que possui mais idade, moradora enquanto criança da zona rural da cidade e filha de agricultores, a Sra. Albina não chegou a completar os estudos, estagnando-os na quinta série. Talvez por não haver tido forte representação literária do pai, ou dos irmãos e tios, uma vez que não haviam estudado em escolas religiosas que na época possuíam maior acesso ao escrito, relembra com carinho da professora que a ensinou a ler. "Minha professora se chamava Angelina Mazzarollo Favareto, ela ensinava muito bem, lembro que quando estava certo, ela colocava um c por cima, e quando estava errado ela fazia uma cruz, e a gente tinha que repetir" (ALBINA, 85 anos).

Ao conhecer a realidade enquanto crianças das oportunidades de leitura e sobre a sua mediação, percebe-se que, apesar das dificuldades enfrentadas, a leitura era presente na vida dos entrevistados de diversas formas, seja oral ou escrita, a leitura era incentivada principalmente pela família. Porém, ao conhecer o Sr. Fabiano, que brevemente se caracterizou como analfabeto, indago-me se este

possuiu alguma figura mediadora da leitura significativa. Ao questioná-lo sobre o fato, comenta que para ele, sua mãe representou a principal figura relacionada à leitura.

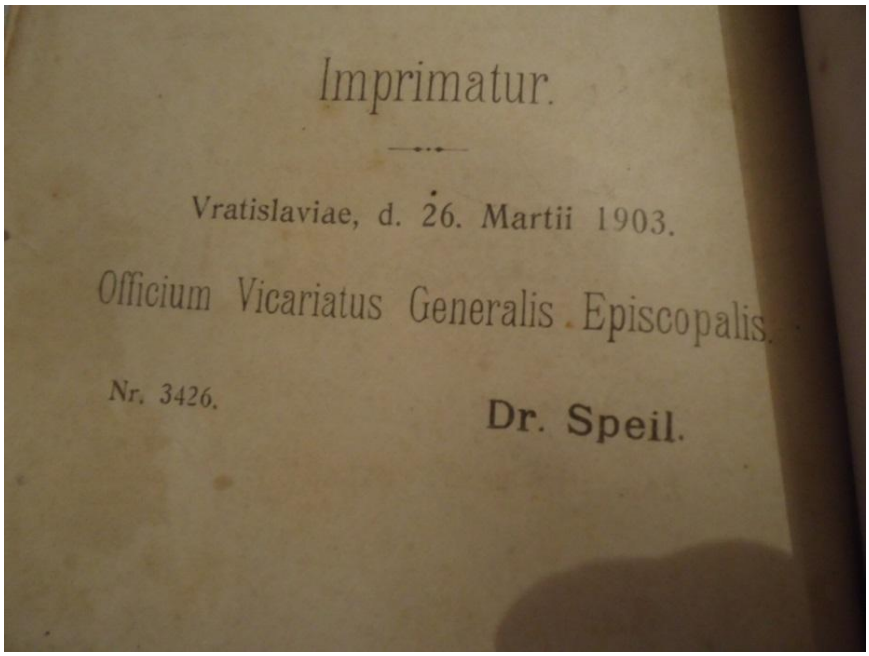
Comenta que “minha mãe, antes de morrer, disse que não era para enterrar os livros dela junto com ela. Ela disse que era pra deixar pros netos dela aprender e pra quem mais quisesse usar” (FABIANO, 62 anos). Descendente de poloneses, a mãe do Sr. Fabiano possuía todos os seus exemplares na língua polonesa, em “polaco” como diz. Leitora assídua da Bíblia (fotografia 9), exemplar que veio da Polônia (fotografia 10), a mãe marcava as páginas lidas para não perder a leitura. (Fotografia 11)

Fotografia 9 – A Bíblia em polonês



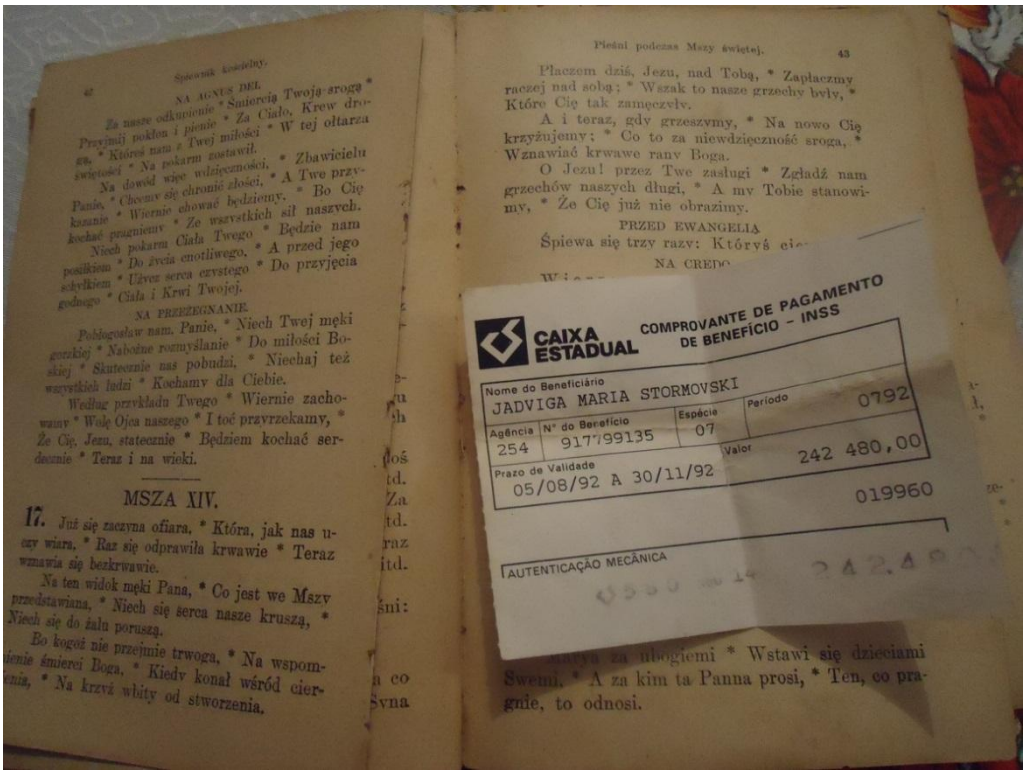
Fonte: Acervo pessoal de Fabiano Sbikosky

Fotografia 10 – Exemplar polonês



Fonte: Acervo pessoal de Fabiano Sbikosky.

Fotografia 11 – Marcador de página



Fonte: Acervo pessoal de Fabiano Sbikosky

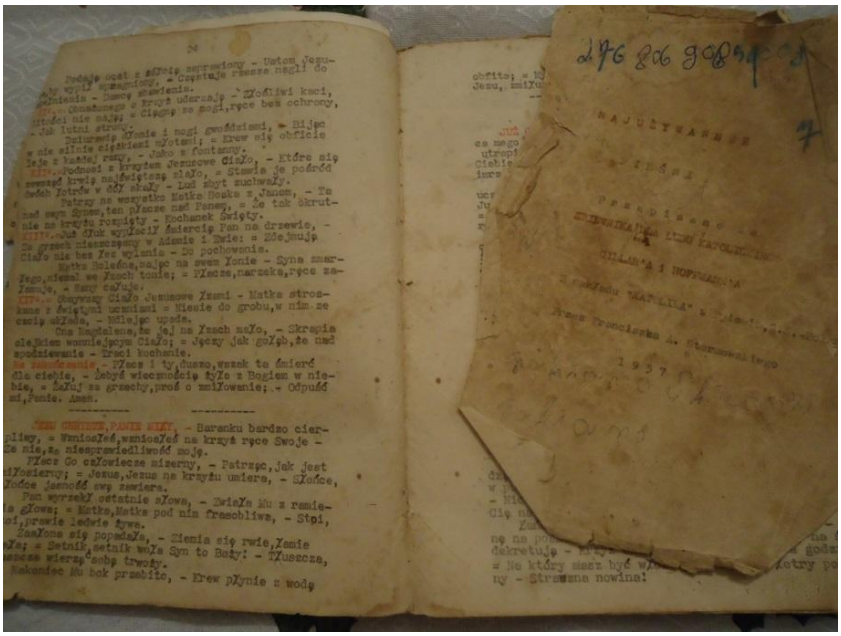
Sr. Fabiano comenta que a mãe lia todos os dias a Bíblia em polonês, além de rezar o terço, também em polonês. Exemplar trazido da Polônia, impresso na cidade de Vratislávia no ano de 1903 e trazido para o Brasil pelos antepassados do Sr. Fabiano, que, conforme a data de impressão do livro confirma a vinda dos imigrantes poloneses vários anos após a chegada dos imigrantes italianos. Cuidadosa com a leitura, a mãe do entrevistado (fotografia 12), marcava as últimas páginas da leitura para o recomeço no dia seguinte, de forma que a Bíblia está repleta de imagens de santos e outros papéis utilizados como marca- página.

Fotografia 12 – Mãe do Sr. Fabiano

Fonte: Acervo pessoal de Fabiano Sbikosky.

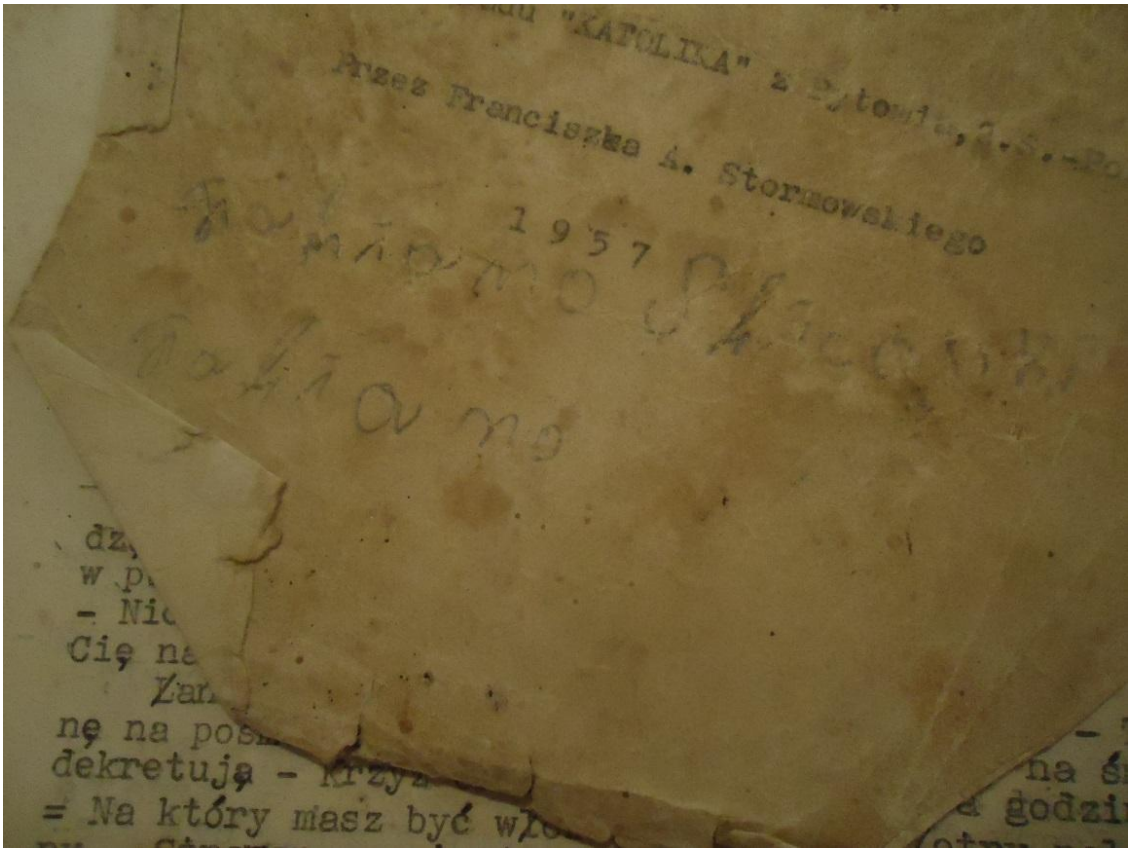
Além da Bíblia, a mãe do Sr. Fabiano também lia um livro de orações e cantos (fotografia 13), também em polonês. Muito manuseado, o livro acabou por ter sua capa descolada. Percebemos que o mesmo parece ter sido datilografado. Na capa descolada, percebemos números escritos à caneta na parte superior, (fotografia 14) além do nome Fabiano escrito a lápis na parte inferior, o que significa que o entrevistado, enquanto criança, praticou a escrita do nome com a ajuda da mãe.

Fotografia 13 – Livro de cantos e orações



Fonte: acervo pessoal de Fabiano Sbikosky

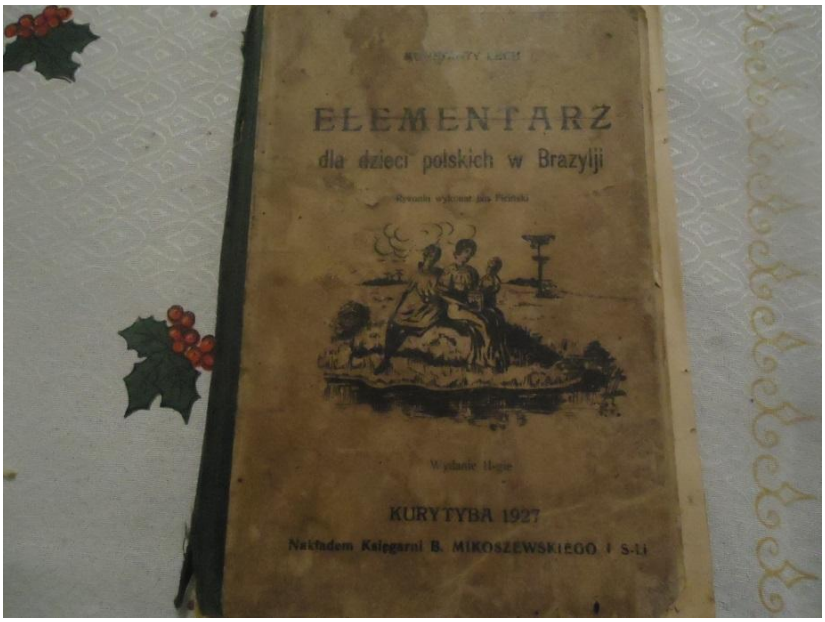
Fotografia 14 – Detalhe da capa



Fonte: acervo pessoal do Sr. Fabiano Sbikosky.

Ao mencionar os livros da mãe, o Sr. Fabiano comenta “a minha mãe sempre protegeu os livros dela” (FABIANO, 62 anos), desta forma, os mesmos sobreviveram aos agentes do tempo e continuam em bom estado, considerando que foram impressos no início do século XX. Dentre os livros guardados pelo Sr. Fabiano, encontra-se uma cartilha em polonês, que sua mãe comprara. (Fotografia 15)

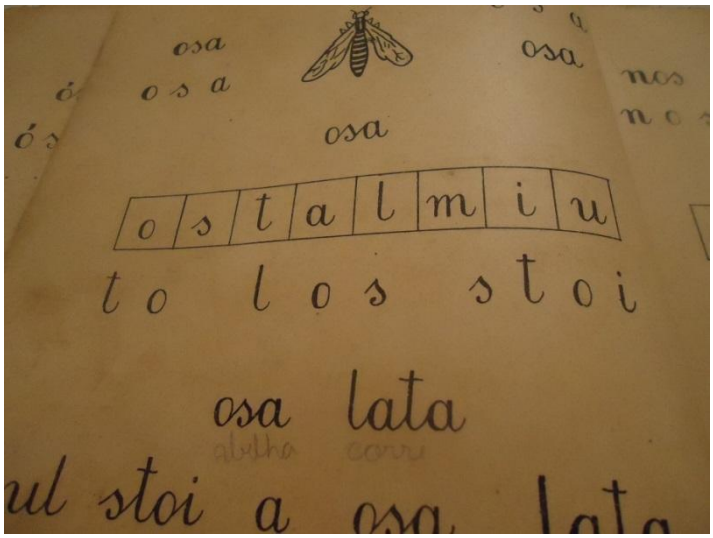
Fotografia 15 – Cartilha em polonês



Fonte: acervo pessoal de Fabiano Sbikosky.

Impressa em Curitiba no ano de 1927, a cartilha ensina polonês para brasileiros. O Sr. Fabiano comenta que a mãe aprendeu a ler e escrever com a cartilha. A Sra. Sibila, sua esposa, elucida que “os escritos embaixo do livro é do meu guri, que estava aprendendo a ler e a escrever em polaco. A vó ensinava pra ele” (SIBILA, 62 anos). Em diversas páginas do livro, existem palavras de tradução da cartilha. (Fotografia 16)

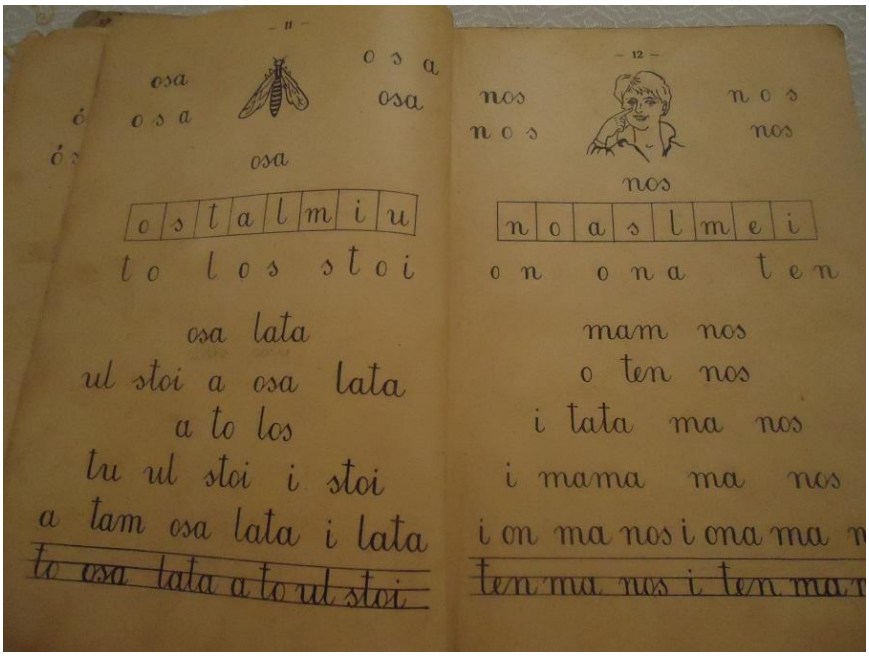
Fotografia 16 – Aprendizagem com a cartilha



Fonte: acervo pessoal do Sr. Fabiano Sbikosky

Pelas páginas da cartilha é possível identificar os traços da aprendizagem do filho do Sr. Fabiano, identificando as imagens dos gatos como “kotek” e as imagens de botas como “butek”. A cartilha contém ricos detalhes costumeiros em edições deste tipo de livro escolar. (Fotografia 17)

Fotografia 17 – Páginas de cartilha



Fonte: acervo pessoal do Sr. Fabiano Sbikosky

Apreciadora da leitura, a mãe do Sr. Fabiano pediu para que seus livros não fossem enterrados consigo, quando falecesse, o que faz levantar a hipótese de que, provavelmente, não existam tantos livros impressos antigos pelo fato de terem sido enterrados juntamente com seus donos. Também é possível questionar se a senhora não se referia a sua Bíblia, livro que muitas vezes é enterrado juntamente com o falecido. Leitora assídua de textos religiosos, a mãe do Sr. Fabiano é considerada a mediadora da leitura na família, e é lembrada por este fato. A Sra. Sibila comenta que a sogra dava muito valor aos livros, desta forma, a família guardou os impressos para serem utilizados por quem necessitasse, guardando também, pelo valor sentimental e histórico que proporciona para a família.

4.5 Italiano, Polonês e Alemão: relações entre sociedade e língua

Observando o fato de que a língua está intimamente relacionada com o escrito ou com a oralidade das histórias contadas, cada região recebeu imigrantes de diferentes nacionalidades, resultando assim em diversas línguas faladas no Estado do Rio Grande do Sul. A imigração alemã, italiana e polonesa, referente aos antepassados dos entrevistados da presente pesquisa, resultou na aprendizagem da língua por eles, meio de comunicação mais comumente utilizado nas conversas do dia a dia, contação de histórias, como seu Lídio relembra e até mesmo na disseminação do material escrito, como “Nanetto Pipeta” a história de folhetim que caiu no gosto do morador da região em questão, além dos livros da mãe do Sr. Fabiano.

Porém, os dialetos estrangeiros falados pelos moradores do lugarejo sofreram um revés com a lei de nacionalização proposta pelo governo Getúlio Vargas, impedindo assim, que qualquer estrangeirismo fosse disseminado no país, lei esta, que se assemelha à germanização e russificação, motivos que deram início a emigração de poloneses para o Brasil. Desta forma, a língua estrangeira foi amplamente proibida de ser pronunciada no país, e como o imigrante estabelecido na região serrana preservou este costume, viram-se de um momento para o outro,

proibidos de pronunciar, tornando-se um obstáculo para a comunicação, publicação do escrito em língua estrangeira e também os serões. Sr. Lídio relembradas dificuldades que a lei impôs.

> Uma época proibiram todo mundo de falar em italiano, então, quem ia pra cidade precisava se cuidar, porque poderia ser preso. Meu pai tinha um empregado que um dia foi pra cidade e falou italiano sem querer, e o policial levou ele pra delegacia, e disse que se falasse de novo em italiano, ele iria prender. Então o guarda pediu o sobrenome dele pra fazer a ocorrência, e ele disse que não poderia falar, para não ser preso. O sobrenome dele era Sgraffon, coçar, em italiano. Lembro que muita gente mais velha, principalmente, nem vinha mais pra cidade, pois não sabia falar em português. (LÍDIO, 81 anos)

A lei, embora fiscalizada, não teve muito sucesso na região uma vez que muitos dos cidadãos sabiam apenas falar a língua do país de descendência. Os entrevistados comentaram que no interior da cidade, a pronúncia italiana, polonesa e alemã continuou, apesar de escondida. Assim a contação de histórias em italiano não foi estagnada, uma vez que para o Sr. Lídio, “escutar histórias em italiano é mais engraçado” (LÍDIO, 81 anos).

A Sra. Nair Helena também relembra as dificuldades que a proibição da língua resultou. Bisneta de imigrantes alemães e fluente em alemão, uma vez que sua avó apenas falava esta língua, era observada rigidamente pelas Irmãs de São José durante a idade estudantil, para que não falasse nem escrevesse palavra em alemão. Ela também comenta sobre as memórias da mãe, que sofreu ao ingressar em uma escola dirigida por irmãs, uma vez que não sabia falar português. Nair Helena ressalta que a mãe decorava e lia os textos em português para recitar na aula, porém não compreendia o que lia, pois na época, era letrada apenas em alemão. Também relembra sobre o preconceito durante a segunda guerra “Meus pais sempre me contavam que eles casaram pouco antes da guerra e foram passar lua de mel em Florianópolis. Lá eles falaram alemão e foram presos” (NAIR HELENA, 75 anos). Muito mais do que uma política de nacionalização, a fala do alemão tornou-se uma espécie de tabu mundial, uma vez que a língua era sinônimo de partidário nacional socialista.

Conectada com a leitura, a língua também não impediu a Sra. Nair Helena de ler ou falar alemão, principalmente na casa da avó, onde rezavam o terço na língua em questão. Portanto, apesar da proibição da língua estrangeira, nas residências ela

ainda era pronunciada em serões, orações e conversas diárias, não extinguindo a cultura da linguagem italiana, polonesa e alemã.

4.6 A leitura hoje

Passados os anos nos quais as dificuldades eram maiores, a leitura fixou-se na vida dos senhores e senhoras entrevistados. As Sras. Inês, Regina e Nair Helena, formadas no curso Normal da Escola Regina Coeli tornaram-se professoras das séries iniciais. A Sra. Inês, que apreciava muito a leitura, cursou Letras e passou a dar aula de português, sempre incentivando a leitura dos seus alunos. Esta, por conhecer mais afundo as obras dos grandes escritores brasileiros, comenta as suas preferidas, demonstrando que a atividade da leitura destas obras, faz parte da sua vida dentro e fora das salas de aula.

> Durante a minha juventude, eu gostava dos poemas de Olavo Bilac, Guimarães Rosa e José de Alencar, que era muito indianista. Eu gostava muito de O tronco do Ipê, Ubirajara, O guarani. Na minha época de faculdade, eu gostava das obras do Neimar de Barros, principalmente O templo do silêncio, que é uma obra que tenho até hoje. Vinícius de Morais, Graciliano Ramos, Jorge Amado, que tinha algumas obras pesadas e fortes, inclusive algumas foram aproveitadas para novelas, como Dona Flor e seus dois maridos. Gostava também de Clarice Lispector, cuja obra que eu mais gostava era A imitação da rosa. De Graciliano Ramos, eu gostava de São Bernardo. Já, de Érico Veríssimo, lembro-me que gostava de As aventuras de Tibicuera, Clarissa, Olhai os lírios do campo, Viagem a aurora do mundo, Um certo capitão Rodrigo e Música ao longe. (INÊS, 72 anos)

A Sra. Inês, que de certa forma possui contato com obras clássicas, tendo-as como preferência literária devido a sua faculdade, mostra sua pequena biblioteca particular, cujos livros utilizava com seus alunos. (Fotografia 18) Hoje ela comenta sobre seus livros guardados, dizendo que “mantenho a minha pequena biblioteca para que meu neto utilize futuramente, ele já se interessa por leitura, apesar de criança, e meus livros são todos juvenis” (INÊS, 72 anos).

Fotografia 18 – Livros da Biblioteca da Sra. Inês

Fonte: Acervo pessoal de Inês Lazzarotto Tomasi

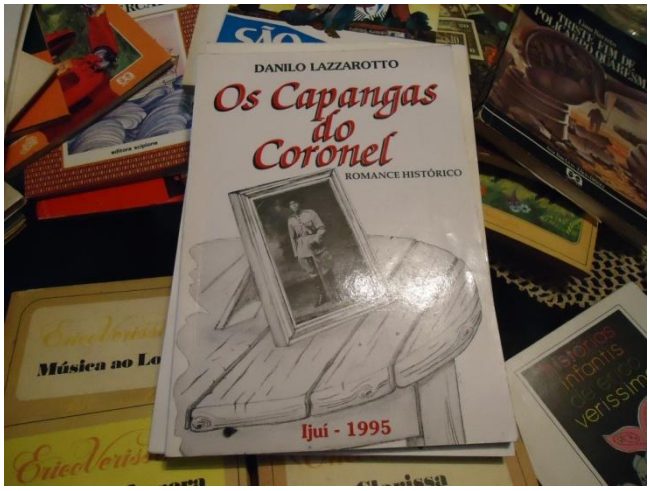
Demonstrado conhecer a importância da leitura na vida do indivíduo, uma vez que a sua própria foi marcada pelo ato de ler, a Sra. Inês guarda seus livros de teor juvenil para o neto. Leitora sobre a cultura italiana, ela elucida querer compreender o passado por meio dos livros, apropriando-se assim de leituras que possuem significado para ela (MANKE, 2008, p. 140), comenta, suas preferências literárias no que se refere a leituras de teor regional, incluindo o irmão Danilo Lazzarotto, referenciado neste trabalho. (Fotografia 19)

> Também não posso esquecer-me de nossos autores, aqui de Veranópolis. Como Mansueto Bernardi em A guerra dos Farrapos, São Francisco de Assis e A natureza, O arquiteto e escritor: Júlio Posenatto com Belas aldeias italianas e Arquitetura italiana no Rio Grande do Sul. Também gosto de ler as obras mais atuais dos veranenses, como Frei Rovílio Costa, Tenho dele a Imigração italiana no RGS [fotografia 20]. Leio Geraldo Farina, com a História de Veranópolis. Padre Wilson João, que foi nosso vigário, eu tenho esse livro, comprei faz muito tempo, ainda não sabia quem ele era, o nome é Vida eu te quero: entre muitas outras reflexões. Contém lindas mensagens que até saíam no Jornal Estafeta. Danilo Lazzarotto, meu irmão, que é professor de antropologia na Universidade em que fiz faculdade. Ele tem Alto da União e sua história, Evolução Cultural e Os capangas do coronel, entre outros. Também tenho da Ana Vera Boff, com A terra vem do leite e De muros, de redes, de condes e de pacotes, e da Terezinha Girardi com Fiorindo: Inventore Veneto in Brasile. Nós não podemos dar valor apenas para os escritores de outras cidades, devemos valorizar os nossos escritores também. Principalmente Mansueto Bernardi, ele escreveu muito sobre Veranópolis. Se não me engano, Veranópolis

> ganhou o apelido de Princesa dos Vales por causa das obras dele. (INÊS, 72 anos)

Lendo sobre a história do Rio Grande do Sul e romances regionais, como os de Ana Vera Boff, escritora veranense e as poesias de Mansueto Bernardi, também escritor veranense, a Sra. Inês aprende sobre a região e seus costumes, relembrando e rememorando o passado, a fim de compreender seus antepassados, para ela este tipo de leitura é importante justamente pela aprendizagem e lembrança que proporciona.

Fotografia 19 – Os capangas do coronel, livro de Danilo Lazzarotto



Fonte: Acervo pessoal de Inês Lazzarotto Tomasi

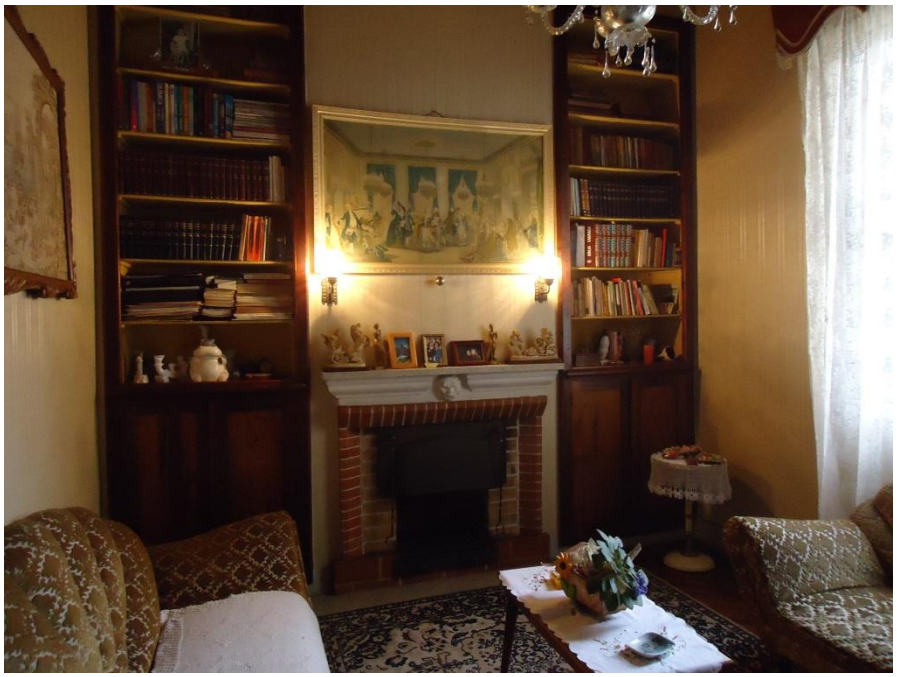
Fotografia 20 – Livro Imigração italiana no Rio Grande do Sul, de Frei Rovílio Costa

Fonte: Acervo pessoal de Inês Lazzarotto Tomasi

Os jornais, muito citados como leitura diária, têm hoje maior facilidade de obtenção, sendo que, a exceção do Sr. Fabiano, todos os entrevistados moram na cidade.

Ao longo dos anos, a facilidade de obter o escrito fez com que os entrevistados adquirissem material de leitura como as enciclopédias, necessárias para pesquisas, principalmente para crianças em idade escolar. “Meu marido sempre teve assinatura de jornal. E nós começamos a comprar as coleções. Na época, como não tinha internet, nós tínhamos que comprar as coleções, as enciclopédias, o atlas. Eu assinava também a Revista do Ensino” (NAIR HELENA, 75 anos). Necessárias, as enciclopédias se tornaram material de leitura, e estavam presentes na grande parte dos lares, uma vez que não havia outros meios de realizar pesquisas escolares. A Sra. Nair Helena, mantém a biblioteca do falecido marido, que ainda contém as enciclopédias, e demais livros do esposo, Violino Farina, comerciante que possuía uma loja com diversos produtos, incluindo tecidos para as fazendas. (Fotografia 21)

Fotografia 21– Biblioteca pertencente ao marido da Sra. Nair Helena

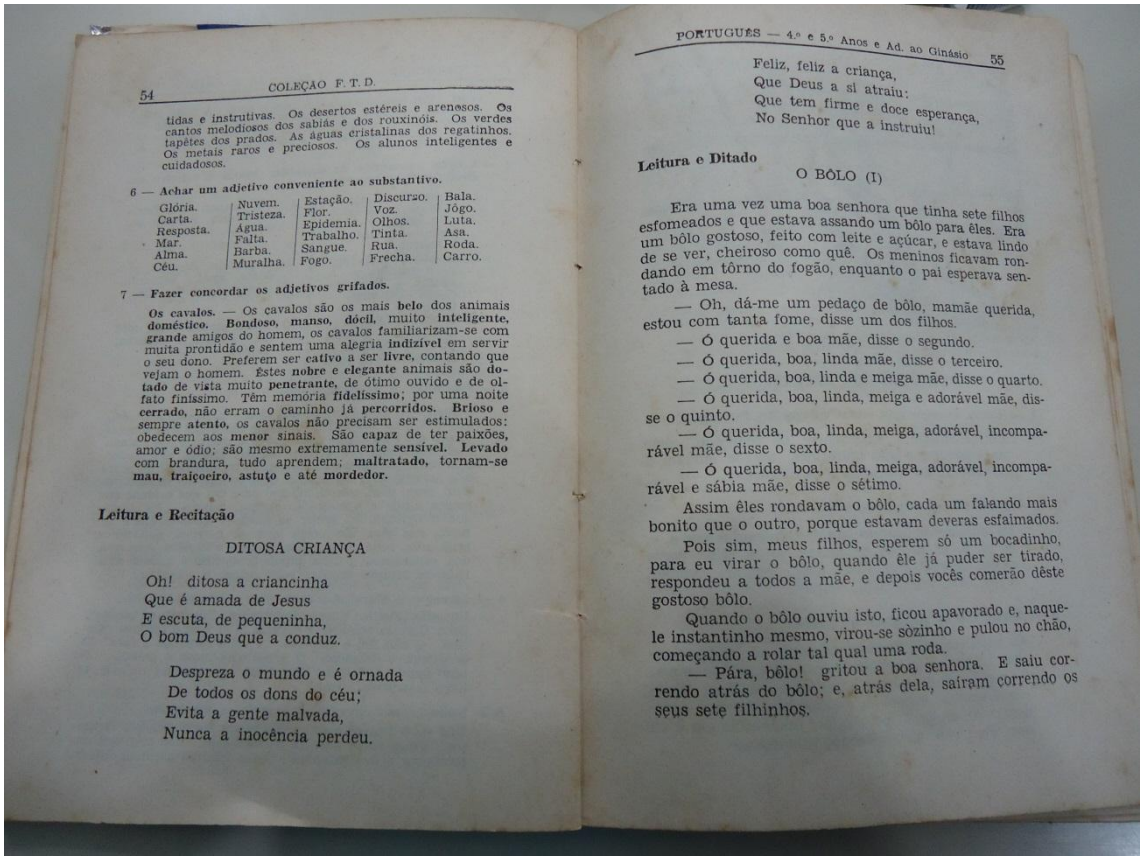


Fonte: Acervo pessoal de Nair Helena Breitenbach Farina

A Sra. Regina, que foi professora durante muitos anos, comenta que foi responsável pela biblioteca de sua escola e fez um curso rápido, como a mesma diz, sobre biblioteconomia, em Porto Alegre. Ela relembra da época, dizendo que “eu organizei toda a biblioteca da escola, foi uma época muito boa. Eu gostava muito de atender os alunos, de tentar passar o gosto pela leitura” (REGINA, 69 anos).

Mantendo a leitura até os dias de hoje, é adepta ao hábito de ler jornal, assim como o Sr. Lídio, a Sra. Lídia e a Sra. Albina. Regina, que guardou seus livros pelo fato de que “fazem parte da minha história” (REGINA, 69 anos), conta para o neto as histórias de seus antigos livros, (fotografia 22), segundo ela “meu neto adora a historinha do Bolo, eu sempre conto pra ele, ele nunca se cansa da história! Ele dá muita risada!” (REGINA, 69 anos).

Fotografia 22 – Livro antigo da Sra. Regina



54 COLEÇÃO F. T. D.

tidas e instrutivas. Os desertos estéreis e arenosos. Os cantos melodiosos dos sabiás e dos rouxinóis. Os verdes tapêtes dos prados. As águas cristalinas dos regatinhos. Os metais raros e preciosos. Os alunos inteligentes e cuidadosos.

6 — **Achar um adjetivo conveniente ao substantivo.**

Glória.	Nuvem.	Estação.	Discurso.	Bala.
Carta.	Tristeza.	Flor.	Voz.	Jôgo.
Resposta.	Água.	Epidemia.	Olhos.	Luta.
Mar.	Falta.	Trabalho.	Tinta.	Asa.
Alma.	Barba.	Sangue.	Rua.	Roda.
Céu.	Muralha.	Fogo.	Frecha.	Carro.

7 — **Fazer concordar os adjetivos grifados.**

Os cavalos. — Os cavalos são os mais **belo** dos animais **doméstico.** **Bondoso, manso, dócil,** muito **inteligente, grande** amigos do homem, os cavalos familiarizam-se com muita prontidão e sentem uma alegria **indizível** em servir o seu dono. Preferem ser **cativo** a ser **livre,** contando que vejam o homem. Êstes **nobre** e **elegante** animais são **dotado** de vista muito **penetrante,** de ótimo ouvido e de olfato finíssimo. Têm memória **fidelíssimo;** por uma noite **cerrado,** não erram o caminho já **percorridos. Brioso** e sempre **atento,** os cavalos não precisam ser estimulados; obedecem aos **menor** sinais. São **capaz** de ter paixões, amor e ódio; são mesmo extremamente **sensível. Levado** com brandura, tudo aprendem; **maltratado,** tornam-se **mau, traiçoeiro, astuto** e até **mordedor.**

Leitura e Recitação

DITOSA CRIANÇA

Oh! ditosa a criancinha
Que é amada de Jesus
E escuta, de pequeninha,
O bom Deus que a conduz.

Despreza o mundo e é ornada
De todos os dons do céu;
Evita a gente malvada,
Nunca a inocência perdeu.

PORTUGUÊS — 4.º e 5.º Anos e Ad. ao Ginásio 55

Feliz, feliz a criança,
Que Deus a si atraiu:
Que tem firme e doce esperança,
No Senhor que a instruiu!

Leitura e Ditado

O BÔLO (I)

Era uma vez uma boa senhora que tinha sete filhos esfomeados e que estava assando um bôlo para êles. Era um bôlo gostoso, feito com leite e açúcar, e estava lindo de se ver, cheiroso como quê. Os meninos ficavam rondando em tôrno do fogão, enquanto o pai esperava sentado à mesa.

— Oh, dá-me um pedaço de bôlo, mamãe querida, estou com tanta fome, disse um dos filhos.

— Ó querida e boa mãe, disse o segundo.

— Ó querida, boa, linda mãe, disse o terceiro.

— Ó querida, boa, linda e meiga mãe, disse o quarto.

— Ó querida, boa, linda, meiga e adorável mãe, disse o quinto.

— Ó querida, boa, linda, meiga, adorável, incomparável mãe, disse o sexto.

— Ó querida, boa, linda, meiga, adorável, incomparável e sábia mãe, disse o sétimo.

Assim êles rondavam o bôlo, cada um falando mais bonito que o outro, porque estavam deveras esfaimados.

Pois sim, meus filhos, esperem só um bocadinho, para eu virar o bôlo, quando êle já puder ser tirado, respondeu a todos a mãe, e depois vocês comerão dêste gostoso bôlo.

Quando o bôlo ouviu isto, ficou apavorado e, naquele instantinho mesmo, virou-se sòzinho e pulou no chão, começando a rolar tal qual uma roda.

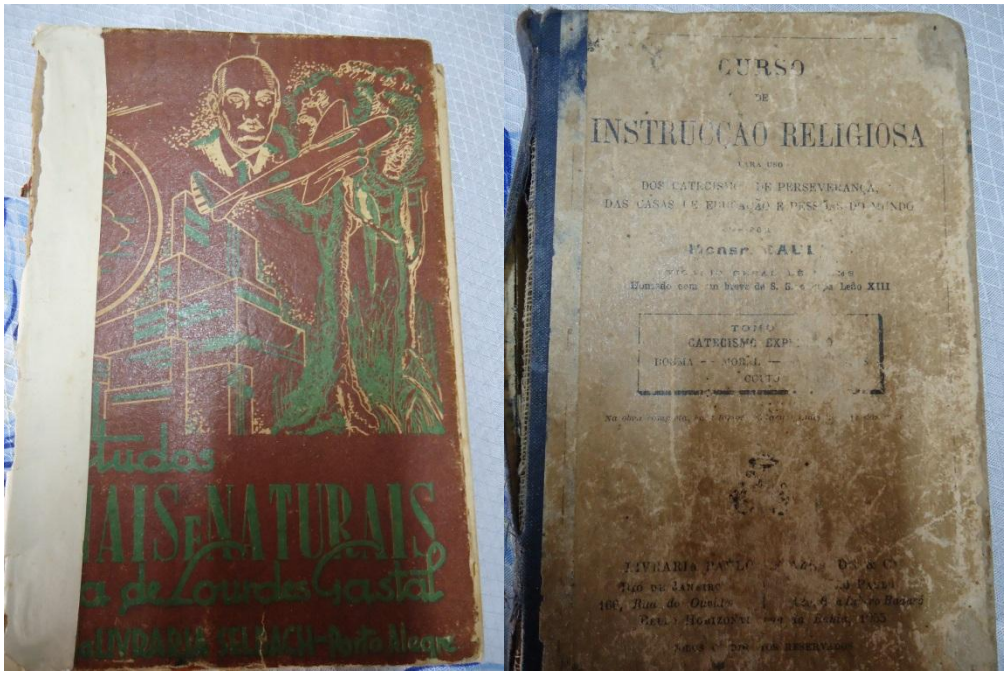
— Pára, bôlo! gritou a boa senhora. E saiu correndo atrás do bôlo; e, atrás dela, saíram correndo os seus sete filhinhos.

Fonte: Acervo pessoal de Regina Rosa Biasotto Tedesco

Contando as histórias de seus antigos livros de escola, ou utilizados durante o exercício do magistério, a Sra. Regina exercita o hábito de leitura, contação de histórias e mantém um momento lúdico com o neto devido à leitura de “O bolo”, história que conta a fuga de um bolo ao ouvir que será comido pelas crianças.

São diversos os livros antigos utilizados na infância que os entrevistados guardaram. O Sr. Fabiano os guardou devido ao pedido da mãe, que era leitora assídua de textos de origem religiosa, principalmente. A Sra. Regina guardou pelo fato de fazerem parte de sua história, no que se refere a boas lembranças relacionadas aos livros, sejam como suporte para exercer o magistério, aulas de catecismo ou bons momentos passados com o neto. A Sra. Lídia comenta que “Eu guardei todos os livros da escola, é uma lembrança da minha infância” (LÍDIA, 81 anos), refere-se a livros de teor religioso, aritmética e estudos sociais. (Fotografia 23)

Fotografia 23 – Livros da Sra. Lídia



Fonte: Acervo pessoal de Lídia Lusa

A Sra. Inês, por sua vez, comenta ter guardado seus exemplares para que o neto os leia. Portanto, observa-se um forte sentimento de lembrança de um tempo querido nos motivos da conservação dos livros. Eles fazem parte de boas épocas vividas, cujas lembranças são associadas aos livros e ao tempo que foi passado manuseando-os. O fator familiar também se faz presente, uma vez que o livro foi e é o instrumento principal de bons momentos passados com algum membro da família. O Sr. Fabiano, por exemplo, recorda avidamente da mãe, ao folhear os livros da mesma, uma vez que “ela adorava ler, estava sempre lendo os seus livros” (FABIANO, 62 anos). Sra. Sibila, esposa do Sr. Fabiano, também comenta sobre a sogra, “Ela estava sempre lendo, lia muito em polaco. Lembramo-nos dela assim” (SIBILA, 62 anos). O impresso era parte corriqueira na vida da mãe, de forma que segundo o casal, os livros eram rapidamente associados à figura da mãe, lendo sempre na língua de seus antepassados, o polonês.

A Sra. Regina, ao guardar seus livros, relembra bons momentos passados com o neto, assim como a Sra. Inês. A biblioteca da Sra. Nair Helena, mantém-se

intacta, conservando os livros do marido comprados para a leitura do mesmo ou dos filhos. Desta forma, percebe-se que o ato de guardar um livro utilizado reflete-se muito mais na lembrança de um bom momento e de uma boa companhia do que pelo conteúdo ou qualquer outro fator físico do impresso. As lembranças associadas aos livros se revelam prazerosas de forma que os mesmos foram guardados para os anos posteriores, a fim de que virem histórias para serem contadas às novas gerações que desejem escutar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando os objetivos gerais e específicos propostos para a pesquisa, percebe-se que todos foram respondidos de acordo com o proposto, registrando as memórias de leitura dos idosos de Veranópolis, conhecendo os hábitos de leitura durante diversas fases da vida, além de averiguar os espaços e condições em que a leitura era realizada.

Durante as entrevistas acabei por conhecer melhor a história do povo da região, no que se refere às oportunidades educacionais e leitura em geral, percebendo que, apesar de obstáculos naturais e culturais, a leitura em diversos suportes e diversas modalidades se fez presente na vida dos entrevistados enquanto crianças, jovens e adultos. Procurei entrevistar pessoas com diferentes histórias de vida, a fim de que, os depoimentos possuíssem informações diferenciadas, abrangendo diversas questões, porém, ao iniciar as entrevistas, percebi que todos os senhores e senhoras obtiveram um início de vida humilde, residindo no interior das cidades, onde a dificuldade de obtenção de objetos relacionados à cultura do escrito se tornava mais considerável. Porém, este fato não impediu a apropriação do escrito pelos entrevistados, sendo que a grande maioria possuiu um mediador no que se refere ao acesso ao mesmo, seja este o pai, os tios, avós ou professores.

Os livros, por sua vez, foram mais comumente encontrados em âmbito escolar, principalmente em instituições como a Escola Regina Coeli, hoje, Colégio Regina Coeli, educandário considerado referência até hoje na região.

Para mim foram muito relevantes os depoimentos acerca da instituição formada pelas Irmãs de São José, já que pude questionar e refletir as diferenças educacionais que separam os anos em que as entrevistadas e eu completei meus estudos. Muitos aspectos comentados pelas senhoras foram relembrados por mim, como as aulas e leituras direcionadas à religião, as aulas de música, os antigos livros da biblioteca, além da tradicional fotografia na escadaria do educandário, também tirada por mim. Foi considerável o número de fatos que aprendi sobre

minha antiga escola, espaço de leitura que não esperava ser tão elucidado pelas entrevistadas. Desta maneira, pude conhecer não apenas sobre os hábitos e memórias literárias da época escolar, mas também sobre o espaço de leitura que o educandário proporcionou às entrevistadas, enquanto jovens estudantes.

A leitura do jornal foi outro fator surpreendente, uma vez que as famílias viviam no interior da cidade, onde as dificuldades econômicas impediam muitas vezes o recebimento deste tipo de produto. Foi significativo perceber que o jornal esteve consideravelmente presente na vida dos indivíduos, relembrado pela Sra. Regina como o suporte que despertou o seu interesse literário. A contação de histórias tornou-se outra modalidade de leitura interessante de ser pesquisada. Apesar de já conhecer a forma, na qualidade de “historietas”, os depoimentos acerca da mesma ressaltaram fatores culturais próprios da região, demonstrando assim que a leitura é relacionada com a busca da própria história do indivíduo.

No que se refere à leitura no espaço familiar, os diversos depoimentos demonstram a importância dos entes queridos no processo de apropriação da leitura.

É válido comentar que os resultados da pesquisa foram, de certa forma, surpreendentes. Encontrar a leitura em qualquer suporte ou modalidade, em uma sociedade que pouco se interessava pela atividade desde sua formação, foi muito gratificante e interessante. Perceber que a leitura não foi mencionada ou associada com memórias de teor negativo nos faz refletir que apesar da escassez e dificuldades de obtenção ou apropriação, ela é mencionada como um bem importante e significativo, ressaltando o sentimento prazeroso na qual a leitura se tornava uma atividade quase lúdica; devemos lembrar o caráter seletivo da memória, que nos faz relembrar bons momentos e esquecer momentos difíceis. Os fatores geográficos, culturais e familiares estiveram sempre presentes na educação escolar e literária dos entrevistados, ressaltando a religião católica, herança do imigrante como material de leitura, além dos filós como espaço de leitura, entre diversos outros fatores mencionados no texto. Portanto, pode-se perceber que a leitura e educação eram amplamente ligadas aos aspectos culturais trazidos pelos imigrantes e intensificados pelos obstáculos geográficos.

Sobre os aspectos do “que”, “como” e “onde” se lia, é possível afirmar que os livros didáticos, assim como a leitura na forma de histórias orais, foram as formas mais encontradas durante as entrevistas. Romances e literatura em geral, também foram mencionados, embora em menor escala, assim como a leitura do jornal. A leitura do escrito, por sua vez, se deu em maior contato com livros e a leitura oralizada com histórias contadas por algum membro da família, sempre mencionando algum costume típico da região. A escola foi mencionada como o grande espaço em que a leitura era incentivada, uma vez que, em casa, os recursos eram consideravelmente menores, porém, mesmo assim, a leitura em casa, juntamente com algum mediador foi muito significativa para os entrevistados.

Considerando que a infância e juventude dos entrevistados se caracterizaram mais pelo trabalho e menos pela educação formal, as oportunidades de leitura se intensificaram ao longo do tempo, estando relacionadas talvez, com o maior acesso a leitura que a cidade proporciona, uma vez que, atualmente, apenas o Sr. Fabiano e a Sra. Sibila continuam morando no interior da cidade. Sobre este aspecto, é possível comentar que durante o início da coleta de dados, procurei entrevistados de diferentes realidades que pudessem relatar diferentes histórias, porém, ao finalizar as entrevistas, percebi que todos eles eram oriundos de zonas rurais e que alcançaram um patamar confortável de vida, graças ao trabalho.

Porém, pelo fato dos entrevistados serem todos do interior da cidade, questiono se a classe mais rica da época enviava seus filhos para estudar fora da cidade, e quais eram suas memórias de leitura, questão que poderia ser desenvolvida em uma pesquisa futura. Hoje, os entrevistados leem o jornal com frequência e exercitam a sua leitura. Porém, ao conhecermos as memórias de leitura dos senhores e senhoras entrevistados, refletimos sobre as mudanças ocasionadas pelos anos que nos facilitaram o acesso ao escrito e a educação formal.

Hoje possuímos bibliotecas ao nosso alcance, os livros estão mais acessíveis que naquela época, notícias distantes apenas de um clique na internet, e muitas vezes, não damos o necessário valor a todas essas comodidades. Ao conhecer as histórias dos entrevistados percebemos que sacrifícios e dificuldades eram enfrentados apenas para estudar ou para comprar um livro.

Ao estudarmos as memórias de leitura de um determinado povo, percebemos que as mesmas contêm emoções, porém, exprimem um significado importante para conhecermos nossos leitores e leitoras. Enquanto bibliotecários e bibliotecárias, devemos conhecer as formas de leitura que caracterizaram a região por diversos fatores a fim de conhecer e auxiliar a sociedade em que estamos inseridos.

A pesquisa proporcionou um maior conhecimento da população de Veranópolis, ressaltando a leitura como parte de suas vidas. Pesquisas deste gênero podem abordar as histórias contadas nos filós, muito comuns ainda na região e que fornecem um material de pesquisa completo no que se refere aos costumes do imigrante italiano. Além disso, a abordagem da leitura em jornal, que se apresentou popular nas entrevistas, também apresenta uma forma de possibilidades para pesquisas futuras, assim como a leitura e educação na Escola Regina Coeli. A atividade oportunizou-me o que foi proporcionado para os entrevistados e entrevistadas, que em suas leituras e “historietas” buscaram conhecer o passado, considerando assim que “a leitura torna-se um meio de rememorar e/ou entender o passado vivenciado, e assim, a prática de leitura assume imenso significado na vida cotidiana” (MANKE, 2008, p. 140).

REFERÊNCIAS

ABRUZZI, Agenor. Veranópolis: das raízes ao centenário. In: COSTA, Rovílio. **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência:** filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. De Santo Antônio a Veranópolis na década de 1920. In: COSTA, Rovílio. **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras,1994.

BONI, Luis Alberto de; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: EST, 1984.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999.

CHARTIER, Roger (org). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COSTA, Rovílio; *et al.* **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**: vida, costumes e tradições. 2. ed. rev. Porto Alegre: EST, 1986.

COUTINHO, Ilmara Valois Barcelar Figueiredo. **Histórias de leitura, trajetórias de vida: um olhar reflexivo sobre memórias leitoras quilombolas**. 2009, Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Representação da escola e do alfabetismo no século XIX. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Leitura**: Práticas, impressos, letramentos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GALEAZZI. Zaira. Os serões do filó. In: COSTA, Rovílio. **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 8, dez, 2002.

GIRON, Loraine Slomp. O vale da desilusão: imigrantes italianos no vale das Antas. In: COSTA, Rovílio. **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

GONÇALVES, Renata Braz. **Livros e leitura na cidade de Pelotas-RS no final do século XIX: um estudo através dos jornais pelotenses (1875-1900)**. 2010, 235 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

GURJÃO, Mônica Vieira de Sousa. **Memórias, práticas e discursos sobre a leitura**. 2009, 110 f. Dissertação (Mestrado), Programa de pós-graduação em linguística – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

GUTIERREZ VALENCIA, Ariel. Elestudio de las prácticas y las representaciones sociales de la lectura: génesis y el estado del arte**. Anales de Documentación**, 2009, vol. 12, pp. 53-67. [Journal Article (Print/Paginated)]. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/3899/> Acesso em: 23 jul. 2013

HAMERSKI, André. Poloneses na Grande Veranópolis: por que interpretar a etnia polonesa? In: COSTA, Rovílio. **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

MANGEL, Albert. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANKE, Lisiane Sias. História da prática de leitura: o caso de três agricultores. **Roteiro** (Joaçaba), v. 33, p. 1-156, 2008.

MANKE, Lisiane Sias . Práticas de leitura: meios e modos de ler na zona rural. In: **ANPED SUL**, 2010, Londrina. Formação, Ética e Políticas: Qual Pesquisa? Qual Educação?, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEYER, Marlyse. Folhetim: uma história da leitura. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Leitura**: Práticas, impressos, letramentos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

OLIVEIRA, Luciana Santos de. **Terceira idade:** uma proposta de estudo sobre o leitor e sua memória de leitura. 2011. Dissertação (Mestrado), Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura – Universidade da Amazônia, Belém, 2011.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, v. 14, fev. 1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240> Acesso em: 10 jun. 2013.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. **Histórias de leitura na terceira idade:** memórias individuais e coletivas. 2005, 169 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, Jacobina, 2005.

VETTER, Silvana Maria de Jesus. **Memórias de leitura de pessoas idosas**. 2005, 145 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

WONSOWSKI, João Ladislau. **Nos peraus do Rio das Antas**: núcleo de imigrantes poloneses da ex-Colônia Alfredo Chaves (1890). Caxias do Sul: UCS, 1976.

ANEXO A – História sobre Jesus, contada pelas palavras do Sr. Lídio.

Então um dia, ele contou que Jesus estava cansado, e chegou na boca da noite em uma família pedindo pouso. A família disse: “Nós somos pobres e não temos nada, mas tem uma família lá na frente, nossos vizinhos, eles tem lugar, não são ricos mas tem lugar, nós não temos. Temos dois filhos, mas a gente não tem lugar”. Então Jesus disse “Bom, bom, vou pra frente então, me servia qualquer lugarzinho, até ali na área, só fora do sereno”. A família recusou e ele foi mais adiante e pediu pouso na outra família. A mulher disse: “Nós somos pobres, mas se o senhor aceitar o que nós temos, com todo o prazer nós damos sim”. Ai ele entrou, então eles deram a gamelinha, aquela pra lavar as mãos e o rosto, depois fizeram um café e a janta e depois foram dormir. O casal também tinha dois filhos e o homem disse: “O senhor dorme aqui na nossa cama”, e Jesus disse: “Não, não, posso dormir em cima de um pelego, qualquer coisa.”, mas o homem recusou e disse q ele mesmo iria dormir sob os pelegos, com as crianças e a esposa. De manhã, fizeram o café, Jesus lavou o rosto na gamelinha e pediu quanto custava a estadia. O homem disse que não custava nada, então Jesus falou: “Eu vou indo porque eu tenho um caminho longo pra percorrer. Mas se vocês não querem pagamento, eu vou dar uma benção pra vocês, que o primeiro serviço que vocês fizerem, vão notar uma diferença”. Era bem cedinho e o marido pediu o que a esposa ia fazer. A esposa disse: “Já que levantei cedinho, eu tenho umas fazenda que comprei pra fazer umas calças pros meninos, eu vou cortar o tecido. E tu, vai fazer o que?”. “Vou limpar a roça de milho” disse o marido. Então, ela começou a cortar a roupa, e quanto mais cortava, mais tecido aparecia. Diz que ela fez um monte. E mais tarde, chegou a amiga dela, a mulher da primeira família que não deu pouso pra Jesus. Ela ficou impressionada, então a mulher contou que veio um homem de barba comprida e que abençoou o primeiro serviço da família em troca do pouso. E ela quis saber tudo, porque ela não tinha dado pouso. No dia seguinte, ele mandou o marido procurar o homem, comprou um monte de fazenda, preparou as tesouras e tudo. Então, ela fez tudo como fez a outra, e de manhã, Jesus também abençoou a família com o primeiro trabalho. Diz que o coração dela parecia um martelo de tão contente, e quando Jesus foi embora, ela foi correndo cortar a roupa, mas deu vontade de fazer xixi, e ela foi ao banheiro já que não tinha tempo depois.

E como esse foi o primeiro serviço dela, diz que ela fez xixi o dia inteiro. (LÍDIO, 81 anos)